


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

RODRIGO SILVA VIANA

**CRÔNICA DE FUTEBOL: O DRIBLE ENTRE A
LITERATURA E O JORNALISMO**



ARARAQUARA – SP
2008

RODRIGO SILVA VIANA

**CRÔNICA DE FUTEBOL: O DRIBLE ENTRE A LITERATURA E O
JORNALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de Pesquisa:

Relações intersemióticas

Orientadora: Profa. Dra. Ude Baldan

**ARARAQUARA - SP
2008**

Viana, Rodrigo Silva

Crônica de futebol: o drible entre a literatura e o jornalismo /
Rodrigo Silva Viana. – 2008
94f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) -
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara
Orientador: Ude Baldan

1. Crônica. 2. Futebol. Título

RODRIGO SILVA VIANA

**CRÔNICA DE FUTEBOL: O DRIBLE ENTRE A LITERATURA E O
JORNALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de Pesquisa:

Relações intersemióticas

Orientadora: Profa. Dra. Ude Baldan

Data da defesa: 02/06/2008

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Dr^a Maria de Lourdes O.G.Baldan - FCL/Car

Dr^a Karin Volobuef - FCL/Car

Dr. Ângelo Sottovia Aranha - Faac/Bauru

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

UNESP – Campus de Araraquara

Este trabalho tem nome: é Francisco. Você nasceu sim!

Dedicado a meus pais e irmãos e aos meninos pretos e pobres do Santana, bairro de Araraquara onde tudo começou. Sem vocês nada disso teria o menor sentido.

**“Mestre não é quem ensina. É quem, de repente, aprende”
(Guimarães Rosa)**

Agradecimentos

Ao Cg, por ter me colocado em campo novamente.

Ao Marcelo Cirino, por livros e lições.

Ao Belda, pelo incentivo acadêmico e desprendimento de amigo.

Ao Tonhão e ao Tota (in memoriam) meus pais pretos do mundo da bola.

Ao Bazani e à Ferroviária, por me ensinarem que futebol se faz com amor e respeito.

Aos amigos e afetos, que me sustentam.

E ao Mestre maior da humanidade, Jesus, que nos aumenta a responsabilidade na mesma medida que nos dá conhecimento.

RESUMO

A crônica de futebol nasce entremeada entre a literatura e o jornalismo brasileiros. Com características de um e de outro, o presente trabalho verifica os elementos de literalidade contidos nesses textos e remonta a trajetória da crônica e do esporte futebol no país. Dois conceitos da semiótica francesa - nossa linha de pesquisa - são fundamentais nesta Dissertação: **Enunciação** e **Figuratividade**. Na **Enunciação** observamos a presença marcante do *éthos* do enunciador, utilizando-se de traços da tradição oral; na **Figuratividade** notamos a maneira diferenciada dos autores usarem as figuras do “sentir e imaginar” como matérias-primas metafóricas no processo de literalidade do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Futebol. Jornalismo. Literatura. Semiótica.

ABSTRACTS

Soccer texts are born between literature and brazilian journalism. With characteristics from both, the present essay checks the literary elements existant in these texts and rebuilds the chronicles and soccer trajectory in the country. Two french semiotic concepts - in this research line - are essencial in this dissertation: **Enunciation** and **Figurativity**. At **Enunciation** we can observe the *ethos* presence of the enunciator, using the oral tradition traces; at **Figurativity** we notice the different ways authors use "feeling and imagination" figures as metaphorical raw material for literality process in the text.

KEY WORDS: chronicle, soccer, journalism, literature, semiotic

SUMÁRIO

ALGUMAS PALAVRAS DE AQUECIMENTO	p.09
Primeiro Convocado: O Futebol	p.11
Organização Tática	p.14
1 COMEÇA O JOGO	p.16
1.1 Finta Brasileira.....	p.18
1.1.1 Mário de Andrade: um craque	p.19
1.2 A Imprensa Veste a Camisa.....	p.22
1.2.1 Chegando aqui	p.23
1.3 Algumas Palavras Sobre Romances e Folhetins.....	p.25
1.3.1 Lima Barreto: um jogador rebelde	p.26
2 JOGADAS DIFERENTES: A QUEBRA DA MONOTONIA	p.30
3 A LINHA DE TRÊS ZAGUEIROS: LITERATURA, IMPRENSA E FUTEBOL	p.32
3.1 Os Donos da Bola e a Bola	p.32
3.1.1 As primeiras notícias	p.34
3.2 Quem Não Tem Bola, Arruma Uma	p.35
3.3 A Tabela entre a Crônica de Futebol e a Literatura para o Deleite dos Leitores-Torcedores	p.39
3.4 Os Craques do Passado: Origens Ancestrais do Futebol	p.42
3.5 Os Craques do Presente	p.46
3.6 O Estilo de Jogo.....	p.46
3.7 Uma Bela Dupla de Atacantes: Mário Filho e João Saldanha	p.49
3.8 Os Jornais e as Revistas e as Coletâneas em Livros	p.52
4 GOLAO: O HIBRIDISMO DA CRÔNICA E O RELICÁRIO DA MEMÓRIA	p.53

4.1 A Simpatia do Futebol da Ferroviária	p.55
4.1.1 A plasticidade das jogadas de Diaféria	p.59
4.1.2 As fintas da enunciação de Diaféria	p.62
4.2 Jogando com a Bola nos Pés: a Habilidade de Armando Nogueira em México 70	p.65
ALGUMAS PALAVRAS DE APITO FINAL	p.72
REFERÊNCIAS	p.78
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	p.81
ANEXO A.....	p.83
ANEXO B.....	p.85
ANEXO C.....	p.86
ANEXO D.....	p.88
ANEXO E.....	p. 93

ALGUMAS PALAVRAS DE AQUECIMENTO

A crônica só é gênero menor em termos de literatura. Admite-se como inabalável a certeza de que a literatura tende a ser perene, intemporal. Não faltam teóricos para garantir que a arte, nela incluindo a arte literária, existe para superar a morte. E, se a literatura busca a infinitude, a crônica é crônica mesmo, expressão de finitude. É temporal, fatiada da realidade e desvinculada do tempo maior que é o da literatura como arte. Mas daí não se deve concluir que ela seja uma defunta. (CONY, 2003).

A citação acima, do escritor e jornalista Carlos Heitor Cony, defende a idéia de que a crônica é um gênero literário e, portanto, faz parte da Literatura, ainda que, como diz Cony, seja uma “literatura menor”.

O assunto, no entanto, não se constitui num ponto pacífico entre os críticos literários. A discussão não é nova e, tampouco, sem importância. Ao contrário, estende-se desde o surgimento do Brasil e até mesmo antes dessa época, no período colonial. Na transição colônia-Império e, principalmente, em fins do século XIX até meados do século XX, os escritores e os críticos literários não a consideravam como um gênero. Somente após o movimento artístico e cultural Modernista (1922), o olhar da crítica literária passou a ser mais cuidadoso em relação à crônica.

Ao mesmo tempo, começou-se a desenvolver uma corrente de pensamento que não só considerava a crônica um gênero literário, como também a enxergava como um gênero tipicamente brasileiro. Para Antonio Candido (1992, p.15), “[...] se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Uma ilustração dessa visão “abrasileirada” da crônica pode ser recortada de um interessante acontecimento literário ocorrido em meio ao movimento Modernista. Mário de Andrade escreve uma carta destinada ao contemporâneo e também escritor Fernando Sabino, deixando transparecer, em seu discurso, a importância do gênero “crônica” e do gênero “conto” e, paradoxalmente, a falta de importância da discussão sobre gêneros literários. Vejamos um trecho dessa carta:

Não se amole de dizerem que os seus contos não são contos, são crônicas etc. Isso tudo é latrinário, não tem a menor importância em arte. Discutir ‘gêneros literários’ é tema de retoriquite besta. Todos os gêneros sempre e fatalmente se entrosam, não há limites entre eles. O que importa é a validade do assunto na sua própria forma. (ANDRADE, 1982, p.23).

Já situando a crônica como um “gênero híbrido” da literatura – uma de suas características mais relevantes como veremos ao longo do caminho - o “tom” irônico de Mário de Andrade serve para que ele se posicione sobre o assunto: claramente, a sua predileção é pela tese de que a crônica, naquele momento, já se constituía num gênero literário.

Contudo, nem mesmo o Modernismo e a palavra de credibilidade de escritores do porte de um Mário de Andrade, fizeram com que outros intelectuais mudassem sua retórica contra o assunto. Os críticos que não consideravam a crônica como gênero literário argumentavam, sobremaneira, com a idéia de ela ter nascido como folhetim, junto com os jornais e, portanto, ser publicada num dia e “apagada” no outro, como é característica inerente a esse tipo de publicação. Sublinhavam também a questão do envelhecimento do texto pela ação do tempo sobre os acontecimentos, personalidades e modos de vida do período abrangido.

Entretanto, o volume de publicação de crônicas em jornais em meados do século XX e a sedimentação da imprensa cresciam de tal maneira, no Brasil, que era impossível não notar sua importância: os maiores escritores brasileiros compunham crônicas - mais notadamente Machado de Assis - que iniciou sua “carreira” literária publicando textos semanais, na seção “A Semana”, do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro¹.

Dessa maneira é que vai ocorrendo a sedimentação do conceito da crônica como um gênero literário ao lado do “gênero jornalístico” que se impunha no Brasil. Junto com esse binômio crônica/jornalismo, outros grandes nomes da literatura brasileira começaram a se apropriar do gênero - Olavo Bilac, João do Rio, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Lourenço Diaféria, Fernando Sabino, João Saldanha, Carlos Heitor Cony, Armando Nogueira e outros.

É nesse momento, com a apropriação do gênero pelos escritores citados, que toma força a idéia de que é justamente o relato, ou a maneira de relatar o “acontecido”, que confere à crônica um espaço, ainda que diminuto, na Literatura.

A inspiração e os assuntos das crônicas - que vinham de fatos políticos, sociais, históricos, esportivos e culturais - faziam com que o cronista colocasse o seu olhar, às vezes crítico, às vezes

¹ Um fato interessante sobre este “batizado literário” de Machado de Assis, é que esta atividade lhe rendeu o pseudônimo de “Dr. Semana”, porque outros escritores, aproveitando-se da liberdade proporcionada pelo anonimato que o pseudônimo lhes proporcionava, também assinavam os textos da coluna de Machado no *Jornal do Comércio*. Entre esses “anônimos”, podemos citar Pedro Luís, Varejão Félix Martins e Quintino Bocaiúva.

humorístico, às vezes puramente artístico, e inovasse na confecção dos textos, conferindo-lhes uma nova roupagem, capaz de quebrar a rotina monótona do dia-a-dia. Portanto, o simples argumento de que, assim como a notícia de jornal, a crônica, por similaridade, teria apenas a função de noticiar os acontecimentos, simplificaria muito o debate. Pior: o empobreceria.

De fato, acreditamos que a crônica tem a nobre função de “transmitir” a notícia e os acontecimentos ao leitor/receptor. Aliás, é exatamente assim, com essa funcionalidade, que ela nasce na história Moderna, a partir do ano 1 d.C. (depois de Cristo). Mas a sua inclusão como gênero da Literatura leva em conta o agregado estético e estilístico incorporado ao seu enunciado, juntamente com o modo diferente de transmitir os acontecimentos da época.

Na crônica, a notícia ganha vida própria quando absorve elementos das mais diversas fontes da literatura. Por isso a crônica é um dos gêneros mais híbridos da literatura, como preconizou Mário de Andrade. Ela utiliza-se de elementos do conto, da poesia, e também de outras formas narrativas como a novela, o teatro, o drama e o romance; a crônica incorpora até outras linguagens, como aquelas presentes no cinema e em outros meios audiovisuais, como a internet.

A dialética inicial que contrapunha Crônica à Literatura, no seio do surgimento da imprensa no país, dilui-se com o tempo. Para Edvaldo Pereira Lima (1993, p.138): “O jornalismo absorve assim elementos do fazer literário, mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes um aproveitamento direcionado a outro fim”. Ou seja, não se trata mais apenas de transmitir a notícia, mas de “como” e do que se provoca no leitor com o tom literário da transmissão. Trata-se, então, de literatura. É a isto— a literatura - que Pereira Lima refere-se na citação.

Primeiro Convocado: o Futebol

Dissemos que a natureza da informação ou do que estamos chamando de “real acontecido” dá corpo e subsídio à transmissão literária. Isso se dá pela maior quantidade de cenários para se trabalhar com recursos estéticos/estilísticos do texto. O esporte futebol e os acontecimentos político/sociais que ocorreram desde o seu surgimento no país² e que foram narrados em crônicas, que datam do início do século XX até os dias atuais, constituem-se num

² No início, o futebol era chamado de “esporte – bretão”, por ter sido trazido ao Brasil pelos ingleses. Bretão é o natural ou habitante da Bretanha ou da Grã-Bretanha. O dialeto da Betanha (FERREIRA, 1969, p.192).

aglomerado sócio-cultural importante para a construção histórica da crônica como gênero literário.

Poder-se-ia escolher trabalhar com a “crônica política”, sem dúvida, rica também em incorporação de elementos literários e fatos históricos. Outra escolha que certamente caberia em nossas linhas seria a “crônica policial”, em que a passionalidade recorrente nas personagens e as tensões da narrativa nos forneceriam excelentes enredos para demonstrações da literalidade na linguagem. Também a “crônica humorística”, tão quantificada em nossa literatura, desde Olavo Bilac (século XIX) até o atual Luís Fernando Veríssimo seria, certamente, uma escolha correta. Ou ainda a “crônica social”, como as do nosso cronista por excelência Rubem Braga - assim considerado por ocupar-se apenas desse gênero e da maneira mais literária que jamais se ousou fazer: compunha poema em prosa com um conteúdo lírico que possibilitava o extravasamento de sua alma de artista perante o espetáculo da vida³.

Ainda nesse infinito de possibilidades, teríamos as “crônicas de costumes”, como as de Fernando Sabino, Lourenço Diaféria, Stanislaw Ponte Preta (pseudônimo de Sérgio Porto), que também se constituíam em excelente “manancial” para nossas considerações.

Mas é mesmo no Futebol - esta hegemonia nacional – que nos dispusemos a encontrar as condições sociais, políticas, culturais, históricas, humorísticas, de costumes e passionais, que se constituem em “pano de fundo” para apontarmos as características literárias na crônica.

Entremeadado entre um gol e outro, uma personagem e outra, um relato aqui e outro acolá, o tema foi “matéria-prima” para quase todos os escritores que citamos acima, em pelo menos algum momento de suas vidas literárias.

Por meio da análise e comparação de um *corpus* de dez crônicas de futebol teremos, então, condições de lançar um olhar crítico para esse gênero. Ainda no que diz respeito à seleção do *corpus*, este foi apresentado de duas formas diferentes: alguns textos foram analisados mais detalhadamente - cinco textos serão apresentados integralmente no “corpo” do trabalho -

³ Assim como Mário de Andrade, que junto com o Modernismo marca politicamente o espaço da crônica na literatura brasileira, Rubem Braga demarca literariamente a crônica moderna - em que era retomada a tradição dos folhetins, e postulava-se a relação íntima do narrador com o leitor. Em “Ao respeitável público”, Braga dá clareza àquilo que se convencionou chamar na crônica de “aparência de conversa fiada”.

“O jornal é grande, senhorita, é imenso, cavalheiro, tem crimes, tem esporte, tem política, tem cinema, tem uma infinidade de coisas. Aqui nesta coluna, eu nunca lhes direi nada, que sirva para o que quer que seja.” Dialogando com o leitor, o “mal-humorado” cronista refere-se à gratuidade do gênero. Dentro do discurso social o autor “deixa escapar”, gratuitamente, que há espaços para crônicas de todos os tipos: “O jornal é grande, senhorita, é imenso, cavalheiro, tem esporte, tem política, tem cinema, tem uma infinidade de coisas”. (BRAGA, 1960).

enquanto outros cinco, para que não perdêssemos o foco e o encaminhamento, tiveram apenas trechos citados e foram comentados de modo breve, contudo não menos relevante para as reflexões propostas nesta Dissertação.

Os textos que não foram apresentados de maneira integral no corpo do trabalho estão anexados no final da Dissertação, para consulta. Esses textos, além de terem apenas alguns trechos citados, algumas vezes se apresentarão mais parecidos com outros gêneros como o ensaio, o conto ou a poesia, demonstrando, então, a “falta de pureza” e o hibridismo que a crônica apresenta.

Como método, vamos descrever os processos semântico-discursivos de produção e recepção desses textos. Procuramos contemplar, em nosso estudo, o ponto de vista do escritor/cronista de futebol e também o ponto de vista do leitor/receptor de futebol. Para isso, olhamos mais especificamente para os diferentes modos de projeção dos enunciados e as maneiras diversas com que os escritores “jogam” com eles, contornando-os com mecanismos figurativos que dão coerência e forma a esses textos.

Concomitantemente, faremos um estudo comparado entre alguns dos textos analisados para que possamos clarear ainda mais nossas considerações. O método comparativo mostrou-se fértil e ilustrativo para essa nossa “leitura pactuada” de autor/leitor.

É importante também dizer que se estabeleceu uma coluna vertebral de análise no trabalho: a relação “texto/contexto”. Ou seja, cada texto presente no *corpus* remete sempre a um aspecto do contexto sócio, histórico ou cultural da época em que é escrito. Esse contexto é retomado e aproveitado na interpretação do enunciado, pois, na análise da crônica, os elementos externos deixam de ser apenas pano de fundo histórico-social-cultural para se tornarem também elementos internos da obra, “materializados” na atualização dos temas, nos comentários dos acontecimentos e nas formas de textualização e composição do enunciado. Isso porque, como o próprio nome indica (cronos = tempo), a crônica depende mais fortemente do contexto em que foi produzida e/ou recebida.

Não menos importante é dizer que fizemos algumas pequenas considerações sobre o fascínio que o futebol exerce nos povos desde a antiguidade. Dessa forma, além de vasculharmos algumas alternativas acerca dessa paixão que o esporte desperta no povo, sobretudo no povo brasileiro, pudemos relacionar a temática do futebol com a história, a política e o contexto social em que está inserido cada texto.

Organização Tática

Proposto o “esquema de jogo”, fez-se necessária a organização tática. Num primeiro momento, fomos buscar o nascedouro etimológico e o percurso histórico da crônica até ela chegar ao Brasil, já com importantes contribuições literárias herdadas da História da Literatura. Depois, avançamos um pouco e buscamos em que momento sócio-cultural a crônica específica de futebol começou a tomar vulto no país. Foi preciso, aí, contextualizar o surgimento e a consolidação da imprensa e do esporte futebol no Brasil.

Esclarecidos pela História, partimos efetivamente para um “olhar” mais imanente sobre o texto. Dessa maneira, enxergando o texto como “objeto de comunicação” entre dois sujeitos, convencemo-nos de que ele encontraria o seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade e determinado por formações ideológicas específicas.

Não obstante a isso, olhamos também para os elementos da composição literária que nos permitiram considerar os textos como tendo um sentido mais literário, se comparados com outros textos noticiosos chamados convencionalmente de “reportagens” pelo jornalismo dito “não-literário” ou “gênero puramente jornalístico”.

Como recurso de análise, utilizamo-nos essencialmente de dois conceitos da nossa linha de pesquisa ⁴: Enunciação e Figuratividade. Assim, enxergamos o texto em duas vertentes: como elemento de comunicação entre dois sujeitos; e vasculhando seu sentido literário. Para Barros:

[...]o discurso define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário. Os dois tipos de mecanismo sintáticos confundem-se, em geral, pois os dispositivos empregados na produção do discurso servem de meios de persuasão, utilizados pelo enunciador para convencer o enunciatário da “verdade” do seu texto. (BARROS, 2000, p.54, grifo do autor).

⁴ Como método de explicação e explicitação de trabalho, adotamos a semiótica greimasiana, de origem francesa, desenvolvida por A. J. Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmico-linguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, na França.

É necessário esclarecer que, em nosso *corpus* de trabalho, elegemos algumas “crônicas metalingüísticas”, ou seja, aquelas crônicas em que os cronistas falam sobre o próprio ofício. Para Andréia Simoni L. Antonio (2006, p.28, grifo do autor), as crônicas metalingüísticas “[...] são uma importante tentativa de reflexão crítica sobre o gênero. Como teóricos que se debruçam sobre aspectos lingüísticos e literários, os folhetinistas nos falam do gênero do “lado de dentro”, isto é, com a experiência de quem cria”.

Consideramos as crônicas metalingüísticas de nosso *corpus* como “crônicas-metafutebolísticas”, se assim pudermos designá-las, por falarem de futebol e o contextualizarem com seu tempo. Dessa maneira, procuramos aumentar nossas possibilidades retóricas para embasarmos nosso conceito de Literatura e Crônica de Futebol.

Por fim, é importante dizer que os textos foram interpretados de forma metonímica, ou seja, visualizados como “relicários” que integram um conjunto maior, o tempo histórico, que se recupera e se recria a partir delas. Queremos, assim, afirmar que esse sentido do discurso, como sendo um processo que enfatiza o contexto sem deixar de lado o avanço da linguagem, é importante para entendermos a crônica de futebol no seu passado, no seu presente e até para ousarmos proferir algumas sugestões sobre o que ela pode vir a ser no futuro.

Quanto ao leitor, cabe a ele participar e interagir com o cronista numa intimidade que é estimulada pelo próprio gênero, com a gratuidade e a leveza herdadas dos folhetins. É dessas pequenas coisas, nessas pequenas narrativas de futebol, que pretendemos tratar.

1 COMEÇA O JOGO ...

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coletânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. (ASSIS, 1944).

No fragmento acima, da crônica intitulada “O nascimento da crônica”, de Machado de Assis (1996), observa-se que, para tratar da origem da crônica, o escritor faz uma alegoria com uma “conversa entre vizinhas”. Machado de Assis ainda dá o entendimento de sua falta de preocupação, como escritor, de recorrer à historiografia para estabelecer datas precisas e encontrar autores pioneiros do gênero. Porém, é necessário que deixemos um pouco o tom informal da crônica machadiana para situarmos a origem histórica do termo.

A palavra crônica, recebida do latim *chronicu*, tem sua origem etimológica no verbete grego *chronikós*, remetendo, por isso, à questão do tempo. Segundo a Mitologia Clássica:

[...] o deus Cronos, filho de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), destronou o pai e casou-se com a própria irmã (Réia). Urano e Gaia, conhecedores do futuro, predisseram-lhe, então, que ele seria, por sua vez, destronado por um dos filhos que gerasse. Para evitar a concretização da profecia, Cronos passou a devorar todos os filhos nascidos de sua união com Réia. Até que esta, grávida mais uma vez, conseguiu enganar o marido, dando-lhe a comer uma pedra em vez da criança recém-nascida. E, assim, a profecia realizou-se: Zeus, o último da prole divina, conseguindo sobreviver, deu a Cronos uma droga que o fez vomitar todos os filhos que havia devorado. E liderou uma guerra contra o pai, que acabou sendo derrotado por ele e os seus irmãos. (BENDER; LAURITO, 1993, p.10).

A citação acima pode ser entendida como a impetuosidade do tempo, que engole tudo e todos. Podemos entender também que o que Cronos, ironicamente, não conseguiu engolir, foi o próprio tempo.

E no tempo designado "Era Cristã" ou "Era Comum" – pode-se dizer que a crônica nasceu como uma narração de fatos históricos, segundo uma ordem cronológica. Situada, então, entre a

tradição mitológica e os anais da História, a crônica registrava os acontecimentos, sem qualquer aprofundamento das causas ou interpretação.

Ainda com essa acepção, a crônica chega à Idade Média (século XII). E é nessa época que ela liga-se, de fato, à historiografia, num vínculo que determinou uma importante distinção: as obras que narravam os acontecimentos com abundância de detalhes e fundamentavam-se numa perspectiva individual da História recebiam o nome de “crônica”; já os simples registros de efemeridades (“crônicas breves”) passaram a se chamar “cronicões”.

Essa distinção (crônica/cronicões), só é encontrada no português e no espanhol; nos idiomas francês e inglês os dois significados são englobados em um único termo, respectivamente, *chronique*, *chronicle*.

Com esse viés histórico, a crônica perpassou vários países europeus como França, Espanha e Portugal. Para efeito de ilustração, vamos observar como foi o percurso da crônica em Portugal.

Cronistas como Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Ruy de Pina exerciam o trabalho de compilação de temas e de fatos históricos relacionados ao rei e ao tema da expansão ultramarina do país. Os fatos recolhidos geralmente enalteciam as histórias dos reis portugueses, com uma finalidade pedagógica: transmitir as virtudes e os grandes feitos para os mais jovens. Tinha, portanto, a finalidade histórica de deixar um legado para os descendentes e gerações porvindouras, característica que acompanha o gênero até os dias de hoje, como veremos mais adiante no trabalho.

A partir do Renascimento (século XVI), o termo crônica começou a ser substituído por História. “O cronista é aquele que compila e historia os fatos” (ANTONIO, 2006, p. 26). Assim é que a história, já com o nome de História e não mais de “crônica”, passava a levar em conta outras instituições e contextos políticos que não fossem apenas aqueles remanescentes do período feudal.

Mas o sentido primeiro e etimológico do termo - da narrativa vinculada ao registro de acontecimentos – continuou existindo paralelamente à acepção moderna do gênero, que se impôs a partir do século XIX, com o desenvolvimento da imprensa.

É importante frisar que mesmo na sua designação moderna, o registro do tempo permanece, pois, como diz Arriguci Jr. (1987, p.51), “[...] a crônica é uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida

escoada”. Dessa maneira, embora hoje o cronista trabalhe com os mais variados assuntos, continua retirando do tempo a experiência vivida.

A significação moderna da crônica, ou seja, vista como um gênero literário, nasceu apenas no século XIX. Assim entendida, a crônica teria sido inaugurada na França, pelo jornalista Jean Louis Geoffroy, em 1800 no *Journal dès Débats* (MOISÉS, 1999, p.132). Nessa época ela era estampada como “*feuilletons*” (do francês – *feuilleton* – *feuille* – folha). Era um espaço livre no rodapé do jornal, com as funções de passar em revista os fatos da semana, além de entreter o leitor e conceder-lhe uma pausa para o descanso.

1.1 Finta Brasileira

No Brasil, começava-se já a imitar os franceses com o nome de *folhetim*. O folhetim era um espaço vazio, geralmente na primeira página dos jornais, destinado ao entretenimento. Esse espaço localizava-se no *rez-de-chaussée* (rés-do-chão), ou melhor, no rodapé e era um verdadeiro chamariz para atrair leitores.

Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento. E pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal [...]. (MEYER, 1985. p. 57).

No folhetim cabiam os mais variados assuntos sob todas as formas e modalidades de diversão escrita. Nesse espaço de “vale-tudo”, eram publicadas piadas, charadas, receitas de cozinha e dicas de beleza, críticas teatrais, resenhas de livros recém-saídos, etc.

Essas características “abrasileiradas” são importantes para entendermos por qual motivo o gênero é hoje considerado “tipicamente brasileiro”. Vale retomarmos as palavras de Antonio Candido (1992, p.15): “[...] pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu.”

Diferente das outras seções do jornal, a crônica apresentava-se como um texto irrelevante, que “fala de tudo” (generalidade) e até da “falta de assunto”. Com esses “ares” de passa-tempo,

em fins do século XIX e início do século XX, ela finalmente deixa de chamar-se Folhetim e fixa-se com o nome Crônica para perdurar até hoje em nosso país⁵.

1.1.1 Mário de Andrade: um craque

Esse histórico “espaço para quase-tudo” foi construído no Brasil com a imprescindível participação de Mário de Andrade que, entre 1927 e 1932, trabalhando no jornal *Diário Nacional*, desenvolvia o seu tema em dois tipos de crônicas: “crônica crítica” e “crônica pura”.

O que o escritor considerava “crônica crítica” é o texto que analisa/informa objetivamente; o artigo que se preocupa prioritariamente com o desenvolvimento lógico do assunto. Exemplos são as crônicas que se originam de uma notícia (um acontecimento importante, um lançamento de livro, uma partida de futebol) e, logo após, a exploração crítica segue o seu curso, pois o escritor começa a desenvolver a argumentação.

Já a “crônica pura” se constituía de textos que reproduziam a dimensão do cotidiano em cenas e anedotas, geralmente bem-humoradas, pois deveriam ganhar a adesão e a simpatia do leitor.

E é na esteira do Modernismo que Mário de Andrade considera, naquele momento, o futebol como objeto de atenção e respeito, já que ele, Mário de Andrade, era um legítimo responsável pela “moderna” cultura do país. Num trecho da crônica “Brasil-Argentina” (1939)⁶, Mário de Andrade deixa claro que o sentido do belo leva o leitor a descobrir, no espetáculo do esporte futebol, uma ânsia que vai além da simples vitória.

“Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol!” (ANDRADE, 1967, p.182).

Assim, ele identifica no manejo dos corpos, na agilidade dos jogadores, a que chama de uma “coisa lindíssima, um bailado mirífico”, uma verdadeira dança aos olhos dos que sabem

⁵ Como vimos frisando ao longo desse nosso estudo, essa reutilização do nome crônica, não teria, entre a crítica literária brasileira, uma data específica. Foi um evento que se deu em meio a uma série de mudanças culturais, que tiveram como agente histórico-cultural propulsor a Semana de Arte Moderna, em 1922. A partir daí, grandes nomes que já escreviam nos folhetins deram contorno ao vocábulo que perdura até hoje.

⁶ Cf. crônica completa no Anexo A.

sentir e ver. Era, portanto, o momento de ganhar a simpatia do leitor “assustado” com as proposições nacionalistas do movimento Modernista.

O texto de Mário de Andrade que, “supostamente”, rompia com a classificação de gêneros literários, já se constituía no resultado da transformação de um fato real em uma versão recriada, com a sugestão da presença de um discurso ficcional que se apoiava na realidade. Andrade já “conversava” com o leitor, misturando Palavra e Futebol.

A palavra, como signo, sempre desperta uma imagem que desencadeia um processo de visões em série. E um jogo de futebol, similarmente, também desencadeia uma série de acontecimentos imprevisíveis. Pode-se, então, antever que foi na “crônica pura” de Mário de Andrade que foram lançadas as sementes do que estamos chamando de crônica literária de futebol.

Ao mesmo tempo, esse é um olhar que deve ser cuidadoso. Porque nessa tipologia de Andrade - “crônica crítica” e “crônica pura” - quase se tocam os limites e os entrosamentos embrionários de “crônica literária” e da “crônica não-literária”. Esse limite tênue é exposto pelo próprio Mário de Andrade, em outro trecho de “Brasil-Argentina” (1939):

Ora o que é que se via desde aquele início? O que se viu, se me permitirem a imagem, foi assim como uma raspadeira mecânica, perfeitamente azeitada, avançando para o lado de onze beija-flores. Fiquei horrorizado. Procurei disfarçar, vendo se lembrava a que família da História Natural pertencem os beija-blôres, não consegui! Nem sequer conseguia me lembrar de alguma citação latina que me consolasse filosoficamente! Enquanto isso, a raspadeira elétrica ia assustando quanto beija-flor topava no caminho e juque! Fazia um gol. Era doloroso, rapazes. (ANDRADE, 1967, p.183, grifo nosso).

Quando o narrador tenta (e não consegue) se “lembrar a que família da História Natural pertencem os beija-blôres” ou a qual “citação latina ele deveria se consolar filosoficamente”, dá a entender, metaforicamente, que há uma certa confusão de gêneros literários que o Modernismo – representado no texto pela imagem da “raspadeira elétrica” - inaugurou.

Um olhar mais cuidadoso vai nos mostrar que a figura do “beija-blor”, colocado no texto como uma corruptela da palavra beija-flor e como uma junção das palavras bola e flor, remete, esteticamente, a um “beija-bola”. Assim, beijar a bola era beijar o estético, o belo e diferenciar o “crítico” do “puro” ou o “beija-flor” do “beija-blor”.

Ainda em “Brasil-Argentina”, Mário de Andrade, narra um trecho da crônica em forma de diálogo, demonstrando o caráter híbrido do gênero recém nascido. Vejamos:

Ficou desagradável foi quando ele se imaginou no direito de explicar porque torcia pelos argentinos:
-Você compreende, amigo, nós uruguaios temos muito mais afinidade com os argentinos, apesar de já termos feito parte do Brasil. (ANDRADE, 1967, p.182)..

Nesse diálogo as idéias “conversam entre si”, por nada. Todavia, a aparência de simplicidade não implica o desconhecimento dos recursos artísticos. Num tom de conversinha miúda, o cronista “seleciona” uma cena e concede um “corpo” à história.

No trecho acima, essas características conferem ao enunciado uma “visão” figurativa de espectador/torcedor de um jogo entre Brasil e Argentina. O diálogo do narrador com o uruguaio serve apenas como pano de fundo para provocar um efeito de sentido de intimidade para o leitor.

Andrade também situa histórica e politicamente o Modernismo quando o personagem-torcedor uruguaio diz ao brasileiro que o Uruguai já havia feito parte do Brasil:

“– Você compreende, amigo, nós uruguaios temos muito mais afinidade com os argentinos, apesar de já termos feito parte do Brasil”.

É claramente um discurso nacionalista do Modernismo – essa crônica é escrita em 1939 - recoberto por uma partida entre Seleções de Futebol de países vizinhos. Há que se perceber, então, o poder de recriação sobre o de mera transcrição. Para Moisés (1999, p.133):

[...] a crônica constitui o lugar geográfico entre a poesia (lítica) e o conto: implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele seus dotes de contador de histórias.

O mesmo estudioso acrescenta:

[...] modalidade literária sujeita ao transitório e à leveza do jornalismo, a crônica sobrevive quando logra desentranhar o perene da sucessão anódina de acontecimentos diários [...] afigura-se que a inspiração do escritor apenas se materializou em crônica por uma feliz coincidência entre o fato passageiro e as matrizes de sua faculdade criadora [...] (MOISÉS, 1999, p.133).

Dessa maneira, o gênero vai-se constituindo de natureza maleável, firmado no fato de se poder recorrer ao comentário expositivo e leve, simulando uma explanação ou comentário direto da opinião do narrador ou, ainda, pelo derramamento subjetivo que reflete, misturando prosa e poesia.

É evidente que a classificação modernista de Andrade serve apenas como fator constituinte histórico, pois a crônica não apresenta forma fixa de composição e essa tentativa de classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais, na realidade, se encontram freqüentemente fundindo traços de uns e outros.

Mas, ainda assim, é importante destacar que foi Mário de Andrade quem distinguiu a crônica do artigo, ou a crônica literária da “crônica não-literária”, lançando as bases fronteiriças de uma nova classificação literária, muito presente nos jornais de hoje, isto é: a diferença entre crônica e artigo.

1.2 A Imprensa Veste a Camisa

Concomitantemente ao Modernismo e à importância de Mário de Andrade no trabalho precursor da crônica literária, e mais especificamente da crônica de futebol, a imprensa tomava forma no Brasil segundo os moldes industriais, de produção em série, que perduram até hoje.

Para situarmos a chegada da imprensa no país, é necessário, antes, observarmos seu surgimento na história. A invenção de Guttemberg (século XVII), o tipógrafo, nasceu junto com a Revolução Industrial. Era uma inovação que nascia para atender às necessidades da nova classe social que surgia no continente europeu: a Burguesia.

No campo cultural, era o momento do Renascentismo sobrepor-se e fazer da Europa e, especificamente da França, um verdadeiro berço para outras mudanças. Foi a Revolução Burguesa de 1830 e o Renascentismo na França, então, que lançaram as bases da moderna revolução jornalística.

Os franceses Émile de Girardin e Dutacq resolveram explorar um novo espaço que surgia, o espaço da liberdade e da recreação, pois perceberam as vantagens financeiras que o *feuilleton*, já especificado historicamente por nós, poderia lhes render. Por isso, concederam o lugar de

honra ao “folhetim”, no jornal *Le Siécle*. Logo, outros jornais resolveram explorar esse filão e, com isso, surge um verdadeiro *boom* lítero-jornalístico” sem precedentes.

Devido ao sucesso da fórmula “romance por fatias”, o modo de publicação ficcional se altera: praticamente todos os romances passam a ser publicados nos jornais ou revistas, sob a forma de folhetim, isto é, em série.

1.2.1 Chegando aqui...

No Brasil o movimento se deu de maneira muito similar, porém com as peculiaridades do novo Estado que estava para ser criado no período ainda colonial. É no território da colônia brasileira que surge a raiz de nossa imprensa.

Com a expansão ultramarinha portuguesa ocorrida na mesma época que o surgimento da imprensa na Europa, uma série de sanções aos escritores portugueses foram impostas pelas instituições dominantes da população, sobremaneira a Igreja e o Estado, no Brasil-colônia.

Exilados em outros países da Europa, os escritores começavam a se ocupar do novo território descoberto e a se preocuparem com as políticas escravistas e unilaterais.

É nesse cenário que Hipólito da Costa fundou, dirigiu e redigiu o *Correio Brasiliense*, em Londres, sendo o número inaugural em 1º de junho de 1808 (SODRÉ, 1964). Podemos considerar este, que era enviado clandestinamente por navios ao Brasil, ainda colônia portuguesa, o primeiro jornal brasileiro. Três meses depois surge, de maneira oficial, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal editado pela corte portuguesa, no período de absolutismo comandado por D. João.

Há que se notar nesse início da imprensa brasileira colonial os dois tipos de jornais: a *Gazeta do Rio de Janeiro* era embrião de jornal, com periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas, preço baixo; já o *Correio Brasiliense* era brochura de mais de cem páginas, geralmente 140, de capa azul escuro, mensal, muito mais de doutrina contra as políticas escravistas do que informativo e com preço muito mais alto, segundo Sodré (1964).

A proibição à imprensa, com atitudes extremadas como a destruição de máquinas tipográficas e a censura prévia, estabelecida antes mesmo de sair a primeira edição da *Gazeta do*

Rio de Janeiro, se dava porque a regra geral da imprensa, nesse momento, era construir um discurso que "pesasse na opinião pública", como pretendia o *Correio Brasiliense*, e difundir suas idéias entre os formadores de opinião.

A censura à imprensa acabaria em 1827, ainda no Primeiro Reinado. A personalidade de D. Pedro II, avessa às perseguições, garantia o clima de liberdade de expressão. Antes mesmo disso, a liberdade de imprensa já era garantida pela Constituição que fora outorgada em 1824.

Entre os jornais cariocas da época imperial figuravam a *Gazeta de Noticias e O Paiz*, o *Diario de Noticias*, o *Correio do Povo*, a *Cidade do Rio*, o *Diario do Commercio*, a *Tribuna Liberal*, o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta da Tarde*. Portanto, é preciso dizer que nesse novo cenário que se apresentava, ressaltava-se o aspecto informativo – a informação da mensagem – (do latim *in formatio* – dar forma, “enformar”, organizar).

Mas, ao mesmo tempo, já se dava importância ao estilo literário, graças a movimentos culturais como o Modernismo. Assim, a própria forma encarregava-se de transmitir “informações estéticas”.

Naquele jornalismo (jornal deriva de *diurnalis*, diário), a ênfase deslocava-se para os conteúdos, para o que era informado diariamente. O jornalismo se propunha a processar informação em escala industrial e para consumo imediato e, para isso, as variáveis formais deveriam ser reduzidas, pois a presença de uma simples metáfora poderia interromper uma comunicação. Por isso, os comentários deviam ser feitos numa linguagem que pretendia ser unívoca, referencial, objetiva, com a predominância do significado sobre o significante.

Por outro lado, os cronistas/escritores da época também queriam informar, mas informar segundo os seus sentimentos e as suas impressões. É graças à subjetividade – que talvez seja a sua marca mais evidente – que os cronistas diferenciavam os seus trabalhos daqueles estritamente jornalísticos.

É a partir dela, da subjetividade, e por ela, que o cronista orientaria toda a sua atividade criadora.

Naquele momento, então, o cronista-folhetinesco do Brasil trabalhava com o binômio informação/opinião de forma mais acentuada. Imprimia uma determinada orientação de significados aos fatos escolhidos; o cotidiano era filtrado por suas emoções e impressões. Através da subjetividade do texto, compunha uma narrativa sedutora, manipulando o fato, o transformado

em matéria literária. E, assim, portanto, temos nesse momento histórico uma outra distinção: enquanto o jornalismo sublinhava o real, a crônica proporcionava a sua recriação artística.

1.3 Algumas Palavras sobre Romances e Folhetins

[...] o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista [...]. O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal [...]. O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política [...]. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a *bas bleus* para aplaudilo. (ASSIS, 1996).

Já contextualizamos o início da crônica e da imprensa no país. Resta-nos falar um pouco mais sobre o início do Folhetim, o “pai” da crônica brasileira.

Fundado em 1827, pelo francês Pierre Plancher, o folhetim se transplantou com sucesso para o Brasil. O *Jornal do Comércio* segue à risca os passos do “modelo francês”. A seção “Variedades” traz, já em 1838, narrativas francesas traduzidas, como *Vida e Amores* de Heloísa e Abelardo e *Capitão Paul*, de Dumas Pai.

Logo depois, como aconteceu na França, o rodapé passa a se intitular “folhetim” e a abrigar o romance em capítulos, passando à seção “Variedades”, com muita matéria traduzida, resenhas, folhetins literários, crônicas, etc, para o espaço interno do jornal.

Ao lado das traduções estrangeiras, o folhetim-romance propiciou uma grande produção nacional. Em 1839, o *Jornal do Comércio* passa a publicar também as produções de autores brasileiros e, em 1852, o *Correio Mercantil* dá vez aos folhetins de Manuel Antonio de Almeida e, em 1854, passa a contar com a colaboração de José de Alencar.

Aliás, a maioria dos romances nacionais do século XIX foi originalmente publicada sob a forma de folhetins: *O Guarani*, de José de Alencar, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, etc.

1.3.1 Lima Barreto: um jogador rebelde

Vale destacar que Lima Barreto, de origem humilde, nunca aceitou o Futebol, que acabara de chegar ao Brasil trazido pelos ingleses, como veremos na próxima seção.

O romancista chegou mesmo a tornar-se inspirador de um movimento que se opunha ao “esporte bretão”, assim chamado ironicamente por Lima Barreto, por a palavra “bretão” referir-se à Grã-Bretanha e representar tudo o quanto havia de mais elitizado em relação à sociedade de classes.

O escritor via na temática do futebol, então, um espaço para se discutir a questão da “elite” versus o “popular”. Para argumentar “contra” o futebol, Barreto escreve, em 1922, no ápice do movimento Modernista, um texto que pode, sob o ponto de vista de classificação de gênero literário, ser visto como híbrido entre um conto e uma crônica, denominado “Heróis”, e publicado no livro *Careta* em 1922.

Vejamo-lo:

Os dois velhos amigos desde meses que não se encontravam. Exerciam profissões diversas, em lugares afastados da cidade. Um, o Felisberto, era médico de um posto de profilaxia rural, pelas bandas de Santa Cruz; o outro, o Teodoro, estava encarregado, como engenheiro, dos mananciais da Gávea e do Jardim Botânico. Moravam nos arredores de suas repartições e raramente, desciam à cidade, a não ser para receber, no Tesouro, nos começos do mês, os vencimentos de seus cargos.

Eram dois filósofos a seu modo que nada perturbava. Revoltas, exposições, discursseiras, fogos de artifícios – tudo isso os deixava frios. Uma coisa, porém, estava sempre a preocupá-los: a educação dos filhos. Nenhum dos dois foi feliz com eles.

Felisberto, além dos outros, tinha o mais velho, Samuel, que não dera para nada. Tudo estudara e nada aprendera. A sua mania era o tal do football. O pai lutou em vão para que metesse no bestunto algumas noções com que ele pudesse ser, ao menos, amanuense. Era inútil. Desde de manhã até à noite, não fazia outra coisa senão dar

pontapés na bola, discutir *corners* e o mérito dos rivais. Não ganhava dinheiro e outros arranjos, tinha-o sempre na algibeira.

O filho mais velho de Teodoro, se não era dado a brutalidades esportivas, não possuía iniciativa de coisa alguma. Formara-se em direito e foi o pai quem lhe arranhou um emprego de guarda no cais do porto, apesar de anele e tudo.

Há anos, tendo, por acaso, se encontrado os dois velhos amigos, Felizberto perguntou-lhe o que fizera seu filho mais velho, formado em direito.

- O que fiz? Fi-lo guarda do cais do porto!

- Como? Um bacharel?

- Por certo.

- Pois o meu, por não dar pra nada, deixei-o no *football*.

Como dizia acima, esses dois velhos amigos não se encontravam, há muito tempo, talvez desde que tiveram a conversa acima.

Há dias, eles se vieram a encontrar e foi com efusão de velhos camaradas que se falaram.

- Então, Teodoro, teu filho do cais do porto ainda continua lá?

- Continua; por sinal que já é escrevente; e o teu?

- Ah! Não sabes?

- Que houve?

- Vai receber cinqüenta contos; é um herói nacional.

- Homem?

- Venceu o Campeonato Sul-Americano de Footbal, com o team nacional. E dizer que ele não dava pra nada! (1922)” (BARRETO, 1967, p.61-62).

A temática deste texto é a conversa filosófica de dois amigos sobre seus filhos.

Eram dois filósofos a seu modo que nada perturbava. Revoltas, exposições, discursseiras, fogos de artifícios – tudo isso os deixava frios. Uma coisa, porém, estava sempre a preocupá-los: a educação dos filhos. Nenhum dos dois foi feliz com eles.

Felisberto, além dos outros, tinha o mais velho, Samuel, que não dera para nada. Tudo estudara e nada aprendera. A sua mania era o tal do footbal. [...]

Há dias, eles se vieram a encontrar e foi com efusão de velhos camaradas que se falaram:[...]

- Que houve?
- Vai receber cinquenta contos; é um herói nacional.
- Homem?
- Venceu o Campeonato Sul-Americano de Footbal, com o team nacional. E dizer que ele não dava pra nada! (1922).

O que permeia o enunciado é a retórica da “verdade acadêmica”, da verdade comprovada e científica, em contraposição a um esporte que “não dera pra nada”. Essa distinção que o autor faz, pela marcação de oposto, também se revela no trecho:

“Eram dois filósofos a seu modo que nada perturbava...”.

Portanto, o futebol era nada mais que uma “mania” do filho que não se encaminhara na vida e que vivia iludido com os gostos da população de classe econômico-social mais privilegiada, ou seja, da elite.

Essa constatação pode ser feita também quando nos apercebermos do uso dos léxicos ingleses para denominar o novo esporte: *football*, *corners* e *team*. Isto porque, no Brasil, àquele tempo, o futebol ainda era praticado pela aristocracia: “Formava círculos fechados, nos clubes da alta roda. Em suma, era ‘chic’ ser jogador de futebol” (BARBOSA, 1952, p.275).

Na parte estética, o processo de convencimento pela veia irônica e a atitude provocativa de Lima Barreto mantinham o leitor atento ao texto e, desse modo, buscava-se estabelecer um poder sobre ele no jogo de exposição das idéias. O efeito intimista que o diálogo entre os dois personagens provoca, constrói o sentido de proximidade que se dá somente através dessa atmosfera familiar a que este “croniconto” de Lima Barreto se presta.

A concisão lingüística e estrutural é a marca do trecho que vimos. Com um modelo de narrativa curta, podemos dizer que as características da crônica podem ser inseridas em outros textos que têm a intenção de levar o leitor à descontração e ao riso e também à crítica.

Esse texto de Barreto fazia parte do contexto histórico que estamos descrevendo, quer seja, uma grande produção nacional de embriões de romances, filhos dos folhetins e do modelo francês.

Nesse momento eram publicados então os textos “de fronteira”, como é o caso do texto de Lima Barreto que relatamos.

Tanto no “folhetim-romance” quanto no “folhetim-variedades” publicavam-se fatos e comentários acerca da vida cotidiana da província, do país e do mundo. Essas duas formas de

folhetins contribuíram para o desenvolvimento de grandes escritores, ajudando, especialmente, os jovens que desejavam tentar a carreira literária. Assim, presente em jornais da época, a crônica literária apresentava já a seu leitor uma elaboração artística dos acontecimentos cotidianos.

É por isso que quando o narrador do “croniconto” de Lima Barreto formula opiniões, indigna-se com notícias ou fatos, exprime diretamente juízos de valor, ele também faz comentários expositivos e exterioriza emoções, lembrando o tom coloquial da crônica folhetinesca desse momento. Aproxima-se do jornalismo, mas não o toca.

Através desse exercício constante da crônica-folhetinesca, escritores como José de Alencar, Machado de Assis e o próprio Lima Barreto se prepararam para o romance. Que outra função importante, então, teve a crônica em nossa Literatura!

Mesmo após a publicação de romances, esses escritores continuaram exercendo a função de cronistas, como Machados de Assis, que se dedicou a essa atividade durante quase toda a sua vida, como já dissemos.

2 JOGADAS DIFERENTES: A QUEBRA DA MONOTONIA

Esta é a uma questão nuclear de nossa análise: à medida que a crônica “desentranhava” a sucessão de acontecimentos diários, acabava por desautomatizar um processo monótono e repetitivo de dia-a-dia estampado nas manchetes de jornais.

Por isso, talvez, a gratuidade dos temas e do texto. Podemos dizer que a crônica, ao apresentar o seu texto como “inútil”, feito apenas para o deleite, sem qualquer eficiência, produtividade ou rentabilidade, foi-se constituindo numa pausa e descanso para os problemas e catástrofes noticiadas no jornal.

Para o crítico literário e escritor, Luiz Roncari (1990, p.41):

O leitor da crônica só topa aquela coluna larga, se reconhece o sorriso do autor que vai em cima. [...]. Será só perda de tempo, é disso que o sorriso sincero do cronista deve convencer seu leitor, que mesmo sabendo disso, topa a parada e, ainda, com gosto. Nesta relação, todos os artifícios do jornal são negados. Neste espaço, só atrai o reconhecimento da voz do sujeito que fala..

Se o “peso” das notícias manchetas e repetitivas das “desgraças” dos jornais podia então, começar a ser entendido historicamente como resultado da Revolução Industrial (século XVIII) que se processara na Inglaterra, o “contrapeso” se dava pela ação dos cronistas, mesmo eles atuando num “terreno sócio-econômico” fértil para o modelo fabril da imprensa do capitalismo. Dessa forma, é verdade que os jornais seguiram o modelo de produção em série das notícias, abrindo espaço para a celeridade do processo. Mas havia brechas para a literalidade do texto.

Ciro Marcondes Filho, estudioso do processo capitalista na comunicação no século XX, em seu “Jornalismo Fin-De- Siécle” faz uma afirmativa que muito bem poderia se aplicar àquele final do século XIX e início do século XX:

O novo milênio aponta para uma substituição, assim, dos grandes sistemas filosóficos, religiosos, políticos, morais por um único sistema de eficiência, rendimento e produtividade; os deuses, líderes políticos, intelectuais ou genialidades artísticas cedem espaço para os grandes complexos organizacionais, institucionais e produtivos. Só que a máquina divina não tem corpo e alma, muito menos a aparência humana de antigos deuses para que o homem nela se identifique e se sinta como seu prolongamento. A nova idade

não terá um deus regular, mas um deus mecânico. (MARCONDES FILHO, 1993, p. 50).

Portanto, a crônica, recém nascida dos folhetins, ao mesmo tempo e similarmente, criava uma identidade lingüística e conseguia adaptar-se ao novo modo de produção.

3 A LINHA DE TRÊS ZAGUEIROS: LITERATURA, IMPRENSA E FUTEBOL

Como vimos ao longo da primeira seção, era o momento claro da transição. E o esporte futebol acompanhou esse momento na Literatura Brasileira.

Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, no romance *O queijo de Minas ou a história de um nó cego*, escrito a quatro mãos, publicado em 1906 e 1907⁷, criam um personagem que é “full-back” e outro que era “gol-quípar”, além de um clube de futebol.

Em 1940, “*Flô, o melhor goleiro do mundo*”⁸, de Thomaz Mazzoni, constitui-se no primeiro romance inteiramente futebolístico publicado no país⁹. Um jogador de futebol também aparece, ainda que brevemente, no romance de José Lins do Rego “*Água-mãe*”, cuja primeira edição é de 1941.

E é dentro desse movimento crescente da literatura, ambientando-se com o novo esporte do país, o Futebol, que a consolidação da Literatura, no período pós-Independência, coincide também com o início da implementação da imprensa no país, como já descrevemos.

Portanto, vamos postular mais uma vez que nesse momento de transição “folhetim-jornal”, além da exposição crítica do autor já se notava a natureza literária dos textos de jornais.

A partir, então, dessa propositura histórica, podemos pensar - como no ditado popular que divaga sobre ser o ovo ou a galinha quem nasce primeiro – se foi a literatura quem incrementou a imprensa ou a imprensa quem impulsionou a literatura. E o futebol surge no meio dessa pequena dialética. Uma linha de três perfeita, nos melhores moldes do futebol moderno!

A imprensa brasileira torna-se o primeiro espaço físico para divulgação das crônicas de futebol e a linguagem literária herdada dos folhetins-romances alavanca artisticamente a crônica de futebol escrita nos jornais do país.

3.1 Os Donos da Bola e a Bola

⁷ Cf. PEDROSA, 1967, p. 14.

⁸ Cf. PEDROSA, 1967, p. 14

⁹ Segundo o próprio Mazzoni, o primeiro livro sobre futebol publicado no Brasil, ainda que não tenha disso um Romance foi *Regras de Football Association*, escrito por Antonio Figueiredo, em 1900.

Quem, senão os cronistas poderiam fazer o recorte do futebol nesse novo cenário que se apresentava? Além de se empregarem com funções diárias na recém-nascida imprensa, os “novos escritores” também se ocupavam da literatura.

Vamos contextualizar então, no Brasil, historicamente, essa cena de aparecimento do futebol.

Segundo Milton Pedrosa (1967), em seu *Gol de Letra*, em 1864 marinheiros ingleses de navios mercantes travavam partidas nas praias do Rio de Janeiro em meio ao desinteresse dos habitantes locais.

As primeiras partidas disputadas em terras brasileiras o foram nas praias, em terrenos baldios, em meio aos capinzais. Foram, pois, os locais abandonados seus primitivos domínios, até que, lentamente, vão surgindo os campos adequados, situados em chácaras e propriedades de pessoas ricas, ou entidades de prestígio. (PEDROSA, 1967, p.17).

É nesse cenário que em 1894 retorna a São Paulo o brasileiro Charles Miller, que havia estudado na Inglaterra, participando de times ingleses de futebol e trazendo em sua bagagem duas bolas de futebol, juntamente com o desejo de introduzir o esporte no Brasil.

Filho de um pai escocês chamado John e uma mãe brasileira de ascendência inglesa chamada Carlota Fox, nasceu perto da estação de trem do Brás, na época um bairro nobre de São Paulo. Aos 9 anos, foi estudar na Europa. Desembarcou em *Southampton*, no extremo sul das ilhas britânicas, e aprendeu a jogar futebol na *Bannister Court School*.

Atuando como jogador, árbitro e dirigente desde o princípio - e mais tarde apenas nas duas últimas funções - foi um entusiasta do esporte em geral, sendo também fundador da Associação Paulista de Tênis e, sem sombra de dúvidas, é, ao lado de Belfort Duarte, Hans Nobiling, Arthur Friedenreich e Luis Fabí um dos grandes propagadores do futebol no Brasil.

Em 1884 ele foi mandado para uma escola pública em *Hampshire*, na Inglaterra, onde aprendeu a jogar futebol, rugby e críquete. Retornou ao Brasil em 18 de fevereiro de 1894 para trabalhar na *São Paulo Railway Company* (posteriormente Estrada de Ferro Santos – Jundiaí) tornando-se também correspondente da Coroa Britânica e vice-cônsul em 1904.

Miller foi fundamental na montagem do time do São Paulo Athletic Club (SPAC) e da liga Paulista de Futebol, a primeira liga de futebol no Brasil. Com ele como artilheiro, o SPAC

ganhou os três primeiros campeonatos em 1902, 1903 e 1904. Jogou no clube até 1910 quando encerrou a carreira. Depois disso, o pai do futebol brasileiro atuaria como árbitro.

3.1.1 As primeiras notícias

Mas Miller era de trajetória aristocrática e o futebol, ainda considerado esporte de elite, tinha dificuldades de penetração na imprensa, que acabara de nascer. Para o desportista, empresário, jornalista e, talvez, o mais importante historiador que o futebol brasileiro já teve, Mário Filho¹⁰:

[...] o futebol só interessou às folhas depois de se tornar paixão do povo. Enquanto não encheu os campos, não dividiu a cidade em grupos, em verdadeiros clãs, o futebol quase não existia para os jornais. Por isso a consulta de jornais até 10 [1910] pode servir, quando muito, para estatísticas de resultados de jogos.

[...]

Somente depois de 1910 é que o futebol, transformado em assunto jornalístico, permitiu que apaixonados pelo esporte bretão, cada um com o seu clube, escrevessem crônicas, às vezes assinadas com as iniciais (RODRIGUES, 1964, p 13).

Portanto, deixemos claro que os primeiros cronistas abordavam temáticas gerais, associadas ao cotidiano. Tratava-se ainda do colunismo social. Não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol – que, nos primeiros anos do século XX, ainda disputava a preferência do público com outras modalidades como o turfe, o remo e o ciclismo.

Assim, apenas para situarmos alguns pontos no início do século XX, é importante registrar que os primeiros comentários sobre um jogo de futebol na imprensa brasileira foram feitos no *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro e no jornal *O Comércio* em São Paulo, os dois em 1901. Nota-se que os estados de São Paulo e Rio de Janeiro já rivalizavam em torno de um tema que acabara de “nascer” no Brasil. É interessante e elucidativo que transcrevamos os trechos. Vejamos:

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 out. 1901:

¹⁰ Nos catálogos bibliográficos a entrada correta para as publicações de Mario Filho é RODRIGUES, Mário.

Match: [São Paulo, 20]; O match de foot-ball ficou empenhado novamente, sem que de nenhum dos dois lados se fizesse ponto algum.
O Club do Rio de Janeiro embarcou no nocturno.

Em São Paulo, naquela que pode ser considerada efetivamente a data inaugural da primeira notícia de futebol, em 17 de outubro de 1901, o jornal *O Comércio* publicou a seguinte notícia antes do jogo:

Foot-Ball; No Sábado, à tarde, 19, e no domingo de manhã, se realizam dois matches de foot-ball nesta cidade, entre rapazes dos clubes daqui e os do Rio, que para esse fim vêm a esta capital especialmente.

É a primeira vez no Brasil que se joga um match deste interessante sport entre dous Estados, e se acrescentarmos que são brasileiros os rapazes na maior parte vêm do Rio para disputar o campeonato Brasil-1901, há justo motivo de nos regozijarmos por que, finalmente, a nossa gente começa a se dedicar com afinco a este utilíssimo exercício, cujos benefícios para as nossas futuras gerações¹¹ se hão de patentear na sua robustez phísica, condição essencial em todos os ramos do labor humano.

Aos nossos leitores, que aconselhamos não perderem um minuto deste interessante encontro, prometemos todos os pormenores que os possa guiar e conduzir nesta curiosa prova de foot-ball.

Além da rivalidade histórica entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo que as duas primeiras notícias da imprensa brasileira sobre o futebol traziam, há que se observar o caráter visionário do texto do jornal *O Comércio*, de São Paulo, que falava sobre os “benefícios para as futuras gerações” que o futebol iria trazer. Ainda que, nesse momento, o que se vislumbrava era a robustez física, essencial para o trabalho proletário e massacrante do dia a dia ...pobres brasileiros!

O futebol não tinha ainda, portanto, o caráter de lazer, de divertimento.

3.2 Quem Não Tem Bola, Arruma Uma

Nesse ínterim, enquanto o futebol ainda era “artigo de luxo”, trazido pelos ingleses e para poucos, o esporte engrandeceu-se e atingiu as camadas mais populares e humildes, que dariam origem, mais tarde, aos craques do futebol. E era óbvio que assim acontecesse.

¹¹ Grifo nosso.

Impedidos, por falta de recursos, de adquirir os brinquedos dos mais ricos, os garotos pertencentes às classes menos favorecidas tinham de valer-se, em sua necessidade lúdica, de suas próprias invenções.

Para se ter uma idéia do que estamos falando, os operários, sabidamente pessoas de menor poder aquisitivo naquele momento, das grandes fábricas de São Paulo, praticavam o recém-chegado futebol no bairro paulistano chamado Várzea Paulista, daí o termo, codificado pela oralidade, “futebol de várzea”. Não havia nenhuma diferença entre as regras do futebol de várzea e as do outro, a não ser a motivação do esporte, facilmente praticado em qualquer local:

Um terreno vago, dois pedaços de madeira servindo de balisa – às vezes nem isso, apenas duas pedras marcando os limites do gol – uma bola, arranjada como era possível, e longas horas de liberdade compunham a receita que ao correr do tempo ia preparando os futuros campeões. (PEDROSA, 1967, p. 17).

E nessas peladas organizadas nas “várzeas”, nos terrenos baldios, onde obscuramente haviam feito seu aprendizado, os agora crescidos meninos-homens do futebol começavam a se tornar ídolos e principiavam dar o formidável impulso à popularização do esporte no Brasil.

E os cronistas da época, que não precisavam esgotar os temas ou manter-se bem informados sobre assuntos de alguma especialidade, pois a beleza de seus textos residia justamente em captar pequenos “fragmentos gerais” sobre o cotidiano e desenvolvê-los com leveza, começavam já a perceber a mudança eminente que o futebol proporcionava.

No trecho do texto a seguir, Ferreira Gullar, em “Campeões” (1958)¹² diz:

Não sei quem terá escapado à atmosfera de alegria e pânico em que o Rio mergulhou nestas últimas semanas com os últimos jogos da Copa do Mundo. Sem saber como nem porque, vi-me de repente de ouvido grudado ao rádio: era como se as cargas de eletricidade (ou o que fosse) me entrassem pelo ouvido numa frequência poderosa e instável que ora me fazia suar frio ora estremecer de expectativa e apreensão. (GULLAR, 1958, p.157).

Comparemos agora este trecho do texto de Ferreira Gullar com o seguinte fragmento da crônica de Ciro Pessoa (1997, p.44):

¹² Cf. texto completo no Anexo B.

Tal bola rola sobre uma espécie de planície onírica com dois arcos em suas extremidades, os gols, ou as metas (do inglês *goal* = objetivo, meta), em cujos interiores se encontraram as redes.

Ciro Pessoa, na crônica “A bola, a rede, o gol – o futebol está além das razões”, publicada na Revista *Caros Amigos* em 1997, assim como Gullar, vai procurar na simplicidade do esporte herdado dos ingleses uma maneira de explicação para a sua popularização. Vejamo-la por inteiro:

“A bola, a rede e o gol”

Já faz algum tempo que venho tentando compreender a paixão que o futebol desperta nos mais diferentes povos dos mais recônditos lugares de nosso planeta. Mas como toda paixão é inexplicável porque traz em si uma dose significativa de irracionalidade e insanidade, acabei por não obter nenhuma resposta convincente. Tudo que consegui encontrar foram algumas pistas. Que por ora satisfazem parte dessa minha curiosidade.

Para começar, o que torna o futebol futebol é a bola. Esférica como os planetas que evoluem no espaço sideral, podíamos dizer que a bola é uma espécie de arquétipo cósmico que fascina e seduz o ser humano, seja ele um recém-nascido ou um idoso. Ela é, por assim dizer, uma espécie de manifestação da onipresença de Deus. Um homem que domina a bola domina o planeta, a galáxia e o cosmo e tudo o mais que houver além do cosmo.

Tal bola rola sobre uma espécie de planície onírica com dois arcos em suas extremidades. Os gols, ou as metas (do inglês *goal* = objetivo, meta) em cujos interiores se encontram as redes. E a rede é, sem sombra de dúvida, um componente essencial do futebol: todo o jogo é jogado na esperança de que a bola estufe a rede. Escutem: *stuffah!*, o som, o símbolo, a bola entranhando-se na rede (gool!), tudo aí parece ser manifestação de pura magia.

O gol tem poderosas propriedades terapêuticas. Basta observar a expressão de um torcedor momentos antes de um gol e logo após a sua marcação: rugas se desfazem, o fígado parece desopilar-se, o bom humor se instaura no lugar da apreensão e o gesto contido é imediatamente substituído pelo gesto expansivo. Um gol não é marcado

somente pelo jogador que está em campo. Um gol é um feito coletivo: é quando torcida e jogadores se unem num frenesi comum, numa espécie de orgasmo orgiástico”

É claro que existem diversas qualidades de gol e, portanto, diversas reações diante desse momento mítico do futebol: o gol cocho, em que a bola é espirrada para dentro da meta do arqueiro – que pode ser contundente catártico se marcado em um momento delicado da peleja - e o chamado gol de placa, que sempre tem em sua confecção os elementos da arte e da beleza, além do clássico estufar da rede. Esse tipo de gol é a própria razão de ser do futebol. Os locutores esportivos costumam defini-lo como “um gol que vale o ingresso”. Um exemplo desse tipo de gol foi aquele marcado pelo eterno rei do futebol, Pelé, contra o País de Gales na Copa de 1958. Um leve toque de gênio, o chapéu no zagueiro, e, sem deixar a bola cair no gramado, o barbante, a rede, o *stuffah!* Um real gol de placa!

Em alguns países, o gol vem sendo tratado como uma questão de segurança nacional. No Afeganistão, o grupo mulçumano Taleban (que controla mais de dois terços do país) proibiu a torcida local de gritar gol. Segundo recente comunicado da Rádio Cabul, o torcedor, no momento do gol, deve gritar: “*Alah-u-akbar!*” (Deus é grande). Caso os jogos coincidam com a hora da oração, eles deverão ser interrompidos e jogadores e espectadores deverão rezar juntos.

O futebol, como podemos inferir do exemplo afegão, está além da razão e da ciência e talvez se identifique mais com a religiosidade. Se isso for correto, podemos afirmar que o gol não passa de um detalhe metafísico. E, portanto, não vale a pena ficar tentando escavar a origem da paixão humana pelo futebol.

Ao menos, por enquanto, *Alah-u-akbar!* Assim seja! (PESSOA, *Ciro*, p. 44)

Para essa “explicação” da popularização do futebol, o autor recorre à imagem figurativa da flecha quando diz:

“Tal bola rola sobre uma espécie de planície onírica com dois arcos em suas extremidades”.

Assim, a comparação do movimento histórico do futebol se daria similarmente à “flecha da história” lançada entre os dois arcos (os dois gols).

Ao mesmo tempo, Pessoa (1997) faz a referência à origem aristocrática do esporte, sublinhando até a tradução dos léxicos ingleses:

“[...]os gols, ou as metas (do inglês *goal* = objetivo, meta)...”.

Assim, no contexto histórico, ainda podemos extrair do trecho da crônica de Ciro Pessoa, que a meta histórica do futebol foi atingida desde que os ingleses o trouxeram para o Brasil e os menos-favorecidos o fizeram crescer.

Ainda podemos fazer uma comparação dessa crônica com o texto “Heróis”, de Lima Barreto, que fazia também alusão ao início aristocrático e importado do futebol:

“Felisberto, além dos outros, tinha o mais velho, Samuel, que não dera para nada. Tudo estudara e nada aprendera. A sua mania era o tal do football. [...]” (BARRETO, 1967, p.61).

Os dois trechos (tanto o de Ciro Pessoa, como o de Lima Barreto), cada um a seu modo, remetem à origem oficial britânica do esporte e remetem ao “futebol marginal” jogado pela população mais carente em qualquer lugar, como em “terrenos baldios”, pela facilidade de se jogar apenas com “dois pedaços de madeira” e formar a meta, ou o gol.

3.3 A Tabela entre a Crônica de Futebol e a Literatura para o deleite dos Leitores-Torcedores

Qual o papel que a crônica de futebol ocupa nas redações de jornal e no imaginário dos leitores?

Este esporte artístico e lúdico tem sido tema para criações literárias. Há poemas famosos, romances, contos que têm no esporte a inspiração criativa e já citamos alguns deles. No entanto,

pode-se afirmar que dentre os gêneros literários, a crônica é o que tem uma proximidade maior em relação ao tema do Futebol, especialmente no Brasil.

Tomemos, ainda uma vez mais, a crônica “A bola, a rede, o gol”, de *Ciro Pessoa*, como ilustração. Num exercício “metafutebolístico”, o narrador tenta encontrar uma explicação para a paixão dos povos pelo futebol, o que constituiria uma proximidade maior entre Futebol e Literatura.

Já faz algum tempo que venho tentando compreender a paixão que o futebol desperta nos mais diferentes povos dos mais recônditos lugares de nosso planeta. Mas como toda paixão é inexplicável porque traz em si uma dose significativa de irracionalidade e insanidade, acabei por não obter nenhuma resposta convincente. Tudo que consegui encontrar foram algumas pistas. Que por ora satisfazem parte dessa minha curiosidade. (PESSOA, 1997, p. 44).

Observamos aí que o narrador/autor divaga sobre um arquétipo coletivo: “Mas como toda paixão é inexplicável porque traz em si uma dose significativa de irracionalidade e insanidade, acabei por não obter nenhuma resposta convincente”. Assim, a falta de resposta acaba sendo a própria resposta.

Retomando a história, até a década de 40, existia um cenário de ambientação do novo esporte no país. Até por isso, não havia cronistas especializados no assunto, pelo menos no círculo da intelectualidade brasileira, que, na época, ainda buscava uma identidade dividida que estava entre os “esportes aristocráticos” e o “emergente futebol”.

Foi preciso que os jogadores resolvessem a situação dentro de campo. A crônica esportiva de futebol começa a ganhar força juntamente com o próprio esporte, com os feitos dos craques nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

Bastaria dizer que em 1950, cerca de duzentas mil pessoas foram ao estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, para assistirem à final da Copa do Mundo entre Brasil e Uruguai. O futebol passou a ser, então, mais do que um esporte nacional, uma verdadeira paixão popular – como acentua *Ciro Pessoa* na crônica analisada - que mobilizava um contingente de centenas de milhares de praticantes e torcedores a cada final de semana.

Para o professor, jurista, desportista, ex-dirigente de futebol e escritor, *João Lyra Filho* (1967, p.171), naquele tempo,

[...] o Maracanã é ponto de confluência do povo e derivativo que amortece angústias sociais. Os desportos têm virtudes que atuam como sedativo; o

futebol, sobretudo, possui um poder de atração que não encontro em nenhuma outra atividade social. Nenhum outro interesse coletivo tanto conjuga o ânimo das classes populares ao lado de todas as outras.

Vale aqui uma reflexão sobre esse efeito “catártico” do futebol. Em “Psicologia do torcedor”, Mira y Lopez e Athayde Ribeiro da Silva (1967, p.149), num ensaio¹³ acerca do futebol sobre o prisma da psicologia, afirmam:

[...] não há dúvida de que entre todos os esportes o futebol é o mais difundido, o que maior número de adeptos tem no mundo e o que mais é capaz de excitar uma multidão, em qualquer lugar da Terra. Seja qual for a idade, posição econômica, profissão, credo ou nível cultural do indivíduo que vai assistir a uma competição futebolística, tão logo o jogo se inicia, ele se sente empolgado pelas suas incidências e vai se transformar num torcedor, mais ou menos apaixonado, desta ou daquela equipe. Inclusive existem outros esportes à base de movimentações de bola (beisebol, basquetebol, tênis, voleibol, etc.) que podem oferecer jogadas de maior beleza e combinações de maior complexidade, passíveis de entusiasmar determinados povos ou públicos, porém nenhum deles possui o caráter de universalidade do futebol.

Num dado histórico esclarecedor, os mesmos escritores afirmam que: “precisamos remontar quase à Pré-História para descobrir na América Central (Iucatã) as ruínas dum Estádio em que, segundo afirmam os antropólogos, se realizava um jogo extremamente similar entre dois times. A “pelota” que precisava ser colocada em jogo era ...a cabeça do capitão da equipe que havia perdido o jogo anterior! Ocorre-nos imediatamente perguntar: haverá alguma semelhança – pelo menos simbólica - entre a luta futebolística e a luta pelo triunfo da vida? Sem dúvida, cabe responder afirmativamente, pois cada expectador se identifica com um time e quando um jogador desse time consegue meter a bola nas redes, ou seja, quando alcança seu objetivo (recorde-se que em inglês a palavra “goal” significa precisamente isso: “meta”, “objetivo”, “propósito”) esse espectador experimenta a mesma satisfação que se houvesse alcançado alguma das suas finalidades ou propósitos na vida”.

Não há como não nos remetermos, novamente, à crônica de *Ciro Pessoa*:

O gol tem poderosas propriedades terapêuticas. Basta observar a expressão de um torcedor momentos antes de um gol e logo após a sua marcação: rugas se desfazem, o fígado parece desopilar-se, o bom humor se instaura no lugar da apreensão e o gesto contido é imediatamente substituído pelo gesto expansivo. Um gol não é marcado somente pelo jogador que está em campo. Um gol é um

¹³ Cf. texto completo no Anexo C

feito coletivo: é quando torcida e jogadores se unem num frenesi comum, numa espécie de orgasmo orgiástico” (PESSOA, 1997, p.44).

Assim, o narrador também busca explicações psicanalíticas para a paixão pelo futebol.

3.4 Os Craques do Passado: Origens Ancestrais do Futebol

O cientista e escritor Carl Sagan também trouxe sua parcela de contribuição “metafutebolística” para esse entendimento que estamos procurando e provocando para o entendimento da passionalidade do futebol.

Em sua crônica/ensaio “Da flecha à bola”, ele reflete do ponto de vista antropológico, o fascínio do ser-humano pelo futebol. Vejamos este trecho:

A cena se repete a cada outono nos Estados Unidos: nas tardes de domingo assim como nas noites de segunda-feira, abandonamos tudo que estamos fazendo para olhar as pequenas imagens de 22 homens em movimento precipitando-se uns sobre os outros, caindo, erguendo-se e chutando um objeto alongado feito da pele de um animal. De vez em quando, tanto os jogadores quanto os espectadores passivos são levados à exaltação ou ao desespero pelo desenvolvimento do jogo. Por todo o país, hipnotizados diante das telas de vidro, pessoas (na maioria homens) gritam e resmungam em coro. Dito assim, parece um comportamento estúpido, mas quando você pega o jeito é difícil resistir, eu falo por experiência própria.

Atletas correm, pulam, batem, escorregam e é emocionante vê-los fazer tudo isso com tanta habilidade. Eles se atacam no solo. São precisos ao golpear ou arremessar um objeto marrom ou branco em rápido movimento. Em alguns jogos, tentam conduzir a coisa em direção ao que se convencionou chamar "meta". Em outros, os jogadores fogem e depois voltam à "base". Quase tudo é trabalho em equipe e é admirável como as partes se encaixam formando um conjunto magnífico. Mas não são essas as habilidades que a maioria de nós usa para ganhar o pão de cada dia. Então, por que nos sentimos compelidos a ver pessoas correndo ou golpeando? Por que essa necessidade existe em todas as culturas? (Antigos egípcios, persas, gregos, romanos, maias e astecas também jogavam bola; o pólo é tibetano). (SAGAN, 1988, p.58).

O autor do texto faz uma clara referência entre o futebol e a luta instintiva pela vida que o ser humano trava desde os primórdios da humanidade. Quando cita que os jogadores correm atrás

de um objeto recoberto por uma pele de animal, por associação, nos remete ao instinto humano pela sobrevivência, como os animais fazem para sobreviver enquanto caçam.

A todo o momento, o autor usa habilidades características dos animais para causar o efeito de sentido dessa luta instintiva pela vida que estamos querendo demonstrar.

Atletas correm, pulam, batem, escorregam e é emocionante vê-los fazer tudo isso com tanta habilidade. Eles se atacam no solo. São precisos ao golpear ou arremessar um objeto marrom ou branco em rápido movimento [...]. Quase tudo é trabalho em equipe e é admirável como as partes se encaixam formando um conjunto magnífico. Mas não são essas as habilidades que a maioria de nós usa para ganhar o pão de cada dia. Então, por que nos sentimos compelidos a ver pessoas correndo ou golpeando? Por que essa necessidade existe em todas as culturas? (Antigos egípcios, persas, gregos, romanos, maias e astecas também jogavam bola; o pólo é tibetano). (SAGAN, 1988, p.58).

Mas o autor insere a modernidade dos meios eletrônicos nesse discurso ao evocar a imagem das pessoas que assistem hipnotizadas à partida de futebol pela “tela de vidro”, a televisão.

É, então, interessante notar o caráter de expectador do autor do texto. Ele constrói o discurso como se os atletas fossem os “personagens instintivos” e o “público” espia esses movimentos e se admira com eles. A crônica é um simulacro de um programa de televisão. Ao mesmo tempo e logo a seguir, o autor do texto explica o motivo desse fascínio justificando o caráter instintivo da luta pela vida e “atrás da bola” desde as culturas mais antigas da humanidade.

Num outro momento, ele explora a dimensão político-econômica que o futebol propicia. O simulacro criado através da “tela de vidro” transforma os atletas em grandes heróis:

Alguns astros do esporte ganham por ano dez vezes mais que o presidente dos Estados Unidos. Depois de aposentados, ainda são eleitos para altos cargos. Em suma, são heróis nacionais. Mas por que isso acontece? Existe aí alguma coisa que está acima da diversidade dos sistemas políticos, sociais e econômicos. É um apelo que vem de muito longe. A maioria dos principais esportes é associada a uma nação ou cidade e contém elementos de patriotismo e orgulho cívico. Nosso time nos representa nosso lugar, nossa gente contra aqueles outros caras vindos de algum lugar diferente, povoado por pessoas estranhas, talvez hostis. (SAGAN, 1988, p.59).

Em seguida, então, a comparação efetiva, escancarada e explícita da competição esportiva ou de um jogo de futebol simbolizando a luta pela vida. E a remontagem histórica desse simbolismo.

Competições esportivas são confrontos simbólicos mal disfarçados. Essa não é exatamente uma idéia nova. Os índios Cherokee, por exemplo, chamavam sua antiga forma de jogar lacrosse (uma espécie de hóquei) de "o irmãozinho da guerra". Max Rafferty, antigo superintendente de Instrução Pública da Califórnia, depois de xingar os críticos do futebol universitário de "vagabundos, comunas, beatnicks cabeludos", proclamava: "Futebol é guerra sem mortes. Os jogadores possuem um brilhante espírito combativo que traduz o próprio espírito da América". (Isso até que merece uma reflexão) Já o falecido treinador Vince Lombardi sempre dizia que a única coisa que importa é vencer. E George Allen, ex-treinador dos Redskins (time de futebol americano) de Washington não deixava por menos: "Perder é como morrer".

De fato, falamos em ganhar ou perder uma guerra com a mesma naturalidade com que falamos em ganhar ou perder um jogo. Num comercial de recrutamento do Exército americano, feito para a TV, um tanque de guerra destrói outro numa manobra de blindados. Ao final do exercício, o comandante vitorioso diz: "Quando vencemos, todo o time vence, o tanque inteiro vencerão uma só pessoa". Isso torna muito clara a relação entre esporte e combate. Fãs (abreviatura de fanáticos) do esporte agridem, espancam, às vezes até matam, atormentados pela derrota de seu time, ou quando são impedidos de comemorar uma vitória, ou ainda quando se sentem injustiçados pelos juízes.

Em 1985, a primeira-ministra britânica se viu obrigada a denunciar o comportamento brutal de embriagados torcedores ingleses que, num jogo em Bruxelas, na Bélgica, atacaram um grupo de italianos pelo simples fato de eles torcerem pelo seu próprio time. Dezenas de pessoas morreram quando as arquibancadas despencaram. Em 1969, após três disputadas partidas de futebol, tanques de El Salvador cruzaram a fronteira de Honduras, enquanto bombardeiros salvadorenhos atacavam portos e bases militares hondurenhas. Essa "guerra do futebol" fez milhares de vítimas. Tribos afegãs, no passado, jogavam pólo com as cabeças decepadas de antigos adversários. E há seiscentos anos, onde hoje é a Cidade do México, havia um campo de jogos onde nobres suntuosamente vestidos assistiam a competições entre times uniformizados. O capitão da equipe perdedora era decapitado e seu crânio colocado numa prateleira, ao lado dos de outros companheiros de desgraça, um incentivo possivelmente mais estimulante que a própria vitória.(SAGAN, 1988, p.59).

Não podemos deixar de citar, neste momento, as constantes brigas entre facções e torcidas organizadas no futebol brasileiro, alvo de inúmeras investigações do Ministério Público e outras autoridades de Segurança Pública. Os exemplos citados acima e que ocorreram ao longo da história da humanidade podem nos ajudar a entender, ao menos de uma forma de reconstrução histórica, essa verdadeira "guerra entre tribos".

Vamos supor que, como quem não quer nada, você está mexendo no seletor de canais da TV e sintoniza um jogo que não lhe diz nada de especial por exemplo, um amistoso de vôlei entre a Birmânia e a Tailândia. Como você decide por qual time torcer? Mas espere um pouco: por que torcer por qualquer deles? Por que simplesmente não apreciar a partida? Muitos de nós não conseguem manter essa atitude imparcial. Queremos participar da disputa, nos sentirmos membros de um time. Esse sentimento nos domina e quando menos percebemos lá estamos nós: "Vai, Birmânia".

No começo, nossa lealdade pode oscilar fazendo-nos incentivar primeiro um time, depois outro. Às vezes torcemos pelo mais fraco. Outras vezes, vergonhosamente, viramos bandeira: do perdedor para o - ganhador, quando o placar já parece definido. (Quando um time sofre sucessivas derrotas numa temporada, a lealdade de alguns de seus torcedores pode balançar.) O que buscamos é vitória sem esforço. Queremos ser arrebatados por algo como uma pequena, segura e vitoriosa guerra. (SAGAN, 1988, p.59).

Assim, o autor coloca-se, junto com seu leitor, também na condição de um “guerreiro”, ainda que um guerreiro pós-moderno, que se utiliza do aparelho de tv.

Mas os instintos de perder ou vencer, de matar ou morrer, são os mesmos daquelas torcidas ou facções que citamos. A única diferença é que, nesse caso, não se está no local do jogo, ou no local de combate, e sim, assistindo pela televisão.

O mais antigo evento atlético organizado de que se tem notícia remonta à Grécia pré-clássica, há 3500 anos. Durante aqueles primeiros Jogos Olímpicos, uma trégua suspendia todas as guerras entre as cidades-estado gregas. Os jogos eram mais importantes que as batalhas. Nessas competições os homens participavam nus e não era permitida a entrada de mulheres na platéia. Por volta do século VIII a.C., as Olimpíadas consistiam em corridas (muitas modalidades), saltos, arremesso de objetos (inclusive dardos) e lutas (às vezes até a morte). Embora nenhuma dessas competições fosse praticada em equipe, elas foram fundamentais para o desenvolvimento dos modernos esportes coletivos e também para a caça esportiva (SAGAN, 1988, p.59).

Nesse relato sobre a origem das Olimpíadas, fica clara a posição do autor pela tese de que os esportes nasceram sendo “mais importantes que as batalhas” e, portanto, a guerra mais antiga do mundo.

Então talvez os jogos de equipe não sejam apenas ecos estilizados das antigas guerras; talvez eles também satisfaçam um desejo quase esquecido de caçar. Mas, se nossa paixão pelo esporte é tão profunda e tão difundida, é possível que esteja arraigada em nós, não em nosso cérebro, mas em nossos genes. Os 10 mil

anos decorridos da invenção da agricultura não são tempo suficiente para que tais predisposições tenham evoluído.(SAGAN, 1988, p. 59).

Assim, como nesses fragmentos da crônica de Sagan¹⁴ que selecionamos, podemos entender, por similaridade, como chegamos, neste universo enorme das mais variadas formas narrativas que falam sobre futebol – romances, novelas, cinema, entre outros - às pequenas e específicas crônicas futebolísticas impressas em jornais.

É claro que não nos esquecemos, de forma alguma, das formas narrativas “maiores” e até “melhores” (na visão qualitativa de alguns críticos) dos outros gêneros literários. Mas é sobre a crônica de futebol escrita em jornais que resolvemos colocar nosso olhar. Pelas colocações feitas até agora, o seu valor de permanência no tempo atual é uma das questões preponderantes em nossa escolha.

3.5 Os Craques do Presente

Presente sobremaneira na atualidade em livros (coletâneas), revistas e jornais de circulação nacional, atingindo a “massa” das bancas, dos metrô e dos sinais de trânsito, a crônica de futebol coloca em contato grandes cronistas - Luiz Roberto Torero, na *Folha de S.Paulo*; Luís Fernando Veríssimo em *O Estado de S.Paulo*; o próprio Armando Nogueira no jornal diário *LANCE!*; entre outros - com um tipo de público menos afeito à leitura ou a esse tipo específico de literatura jornalística.

Temos exemplos de cronistas que foram jogadores de futebol: Tostão, craque do Cruzeiro e da Seleção Brasileira de 1970 tem uma coluna semanal na *Folha de S.Paulo*. Outro exemplo é Neto, craque do Corinthians da década de 80, e que tem sua coluna semanal no jornal *O Estado de S.Paulo*.

3.6 O Estilo de Jogo

¹⁴ Cf. crônica completa no Anexo D.

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. (CANDIDO, 1992, p.13)

Para posicionar-nos com mais clareza os aspectos literários da crônica de futebol, que, a nosso ver, conseguem traduzir algo próximo aos sentidos, utilizando-se de efeitos de sentido pactuados entre autor/narrador e leitor, queremos dizer que esses efeitos são muito similares àqueles vivenciados pelos personagens das crônicas (torcedor, jogador, o próprio jogo, o campeonato).

Vamos entender um pouco como se dá esse processo e de que forma ele foi construído, paralelamente à profissionalização dos escritores/cronistas de Futebol.

Primeiramente, o narrador-cronista de futebol é, em princípio, um ser humano que se sente, ele próprio, como um jogador da partida ou como torcedor presente no jogo ou campeonato que narra. As sensações dos espaços/tempo narrados por eles seriam transpostas para o que vamos chamar de “momento da obra”. Isto se dá como dissemos, por meio de elementos de uma arte universal e atemporal, a literatura, nosso campo maior de estudo.

Para entendermos como esse “sentimento interno” se enreda com o próprio texto, vamos atentar no que diz Diana Luz Pessoa de Barros (2000, p.5) sobre a linha teórica de pesquisa que adotamos: “[...] o objetivo da semiótica é estudar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.” Nas crônicas de futebol de nosso *corpus*, os autores/narradores, ao se transformarem em outro (leitor), saem do espaço da enunciação (eu/aqui/agora) e transportam-se para o espaço do enunciado (ele/lá/então), criando as condições que estamos chamando de “humanizantes”. Para clarear um pouco mais o que estamos afirmando, deve-se entender que ao sair da posição de “ausência”, o enunciator/narrador torna-se co-enunciário da história e possibilita a humanização do texto.

Queremos, portanto, demonstrar que esse efeito de sentido humanizante provoca a impressão de estar-se vivenciando e sentindo as sensações das narrativas escolhidas.

O fato de os textos serem narrativas de Futebol – um esporte considerado uma manifestação artística por muitos críticos – possibilita, ora com velocidade e progressão na narrativa, causar um efeito de sentido da “presença”. Por outro lado, quando o texto é analítico,

causa o efeito de sentido contrário, ou seja, o efeito de sentido da “ausência”. Por isso é que se dá a emblematização do literário no acontecimento. Isto é, o enunciado fica vinculado ao tempo, carregando consigo não só a objetividade do acontecimento, mas também toda a figuratividade que o autor conferiu ao texto.

Como exemplo do que afirmamos, observemos novamente um trecho da crônica de Ciro Pessoa (1997, p.44):

É claro que existem diversas qualidades de gol e, portanto, diversas reações diante desse momento mítico do futebol: o gol cocho, em que a bola é espirrada para dentro da meta do arqueiro – que pode ser contundente catártico se marcado em um momento delicado da peleja - e o chamado gol de placa, que sempre tem em sua confecção os elementos da arte e da beleza, além do clássico estufar da rede. Esse tipo de gol é a própria razão de ser do futebol. Os locutores esportivos costumam defini-lo como “um gol que vale o ingresso”. Um exemplo desse tipo de gol foi aquele marcado pelo eterno rei do futebol, Pelé, contra o País de Gales na Copa de 1958. Um leve toque de gênio, o chapéu no zagueiro, e, sem deixar a bola cair no gramado, o barbante, a rede, o *stuffah!* Um real gol de placa!

Quando o narrador dá o exemplo do “gol que vale o ingresso” de Pelé, ele transporta-se, ao mesmo tempo em que transporta o leitor, para aquele tempo – 1958, na Suécia, no primeiro título Mundial do Brasil. A enunciação composta de forma descritiva faz com que o enunciado tome uma aparência de real, de estar acontecendo no momento da enunciação: “[...] um leve toque de gênio, o chapéu no zagueiro, e, sem deixar a bola cair no gramado [...]”. Ao usar o recurso onomatopéico do “stuffah!” da rede no gol de Pelé, o autor co-enunciário da história explora o sentido auditivo e provoca o a impressão do barulho da rede. E o próprio cronista explica: “[...] a rede é, sem sombra de dúvida uma componente essencial do futebol: todo o jogo é jogado na esperança de que a bola estufe a rede. Escutem *stuffah!* O som, o símbolo, a bola entranhando-se na rede (gool!), tudo aí parece ser manifestação de pura magia.” (PESSOA, 1997, p.44).

Por essa evolução da linguagem e dos acontecimentos é que, após a década de 40 e com o primeiro título Mundial em 1958, citado no fragmento da crônica acima, o futebol se profissionalizava dentro de campo e arrastava multidões.

Ao lado disso, levava a imprensa e os novos empresários da comunicação a enxergarem no esporte futebol um objeto de consumo altamente rentável. Dessa maneira, ele passa a ser considerado um elemento importante que iria ajudar a ampliar as vendas de determinado

periódico. Mais que isso, a crônica de futebol ganhava força não apenas econômica e em espaço físico - páginas inteiras e manchetes de capa de jornais e revistas, além dos posteriores livros - como também em termos lingüísticos: o uso de uma linguagem mais elaborada, sofisticada, em grande escala, é uma marca dos cronistas do Brasil, o “país do futebol”, como está se frisando desde o início.

3.7 Uma Bela Dupla de Atacantes: Mário Filho e João Saldanha

Como dissemos, até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho e a incrementação do processo logístico, inclusive da produção de notícias, houve a valorização do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo.

As conquistas das Copas do Mundo de 1958 (Suécia) e 1962 (Chile) engrandeceram ainda mais esse cenário que, impulsionado pelas condições econômicas favoráveis do país, consolidava de uma vez a imprensa de Futebol no Brasil.

Assim, seguindo os passos de Mário Filho e com o início da discussão das táticas desenvolvidas dentro de campo, nas décadas de 1960 e 1970, novos autores surgiram. E, também a partir de Mário Filho, as crônicas começam a seguir um mesmo caminho: depois de publicadas em jornais e revistas, eram coletaneadas em livro.

Desses livros, podemos citar, além de Mário Filho com *O sapo de Arubinha*; *A pátria em chuteiras* e *A sombra das chuteiras imortais* de Néelson Rodrigues; *O canto dos meus amores*, *O homem e a bola*, *Bola de cristal*, *A ginga e o jogo* de Armando Nogueira; *A eterna privação do zagueiro absoluto* de Luis Fernando Veríssimo; *Histórias do futebol* e *O trauma da bola* de João Saldanha; *O gol é necessário* de Paulo Mendes Campos; *Tostão: lembrança, opiniões, reflexões sobre futebol* do próprio Tostão; *Bola na Rede: a batalha do Bi* de Stanislaw Ponte Preta; entre outros.

O movimento de ascensão do cronista esportivo atinge seu ápice no fim da década de 60 e, mais especificamente, em junho de 1970, com a conquista do Tri-Campeonato mundial de

futebol, no México. A transmissão pioneira dessa partida pela televisão para o país é outro fator histórico emblemático disso que estamos afirmando.

No cenário político, o Brasil da época é comandado pelo regime militar (pós-golpe de 1964), que necessita de outras instituições de apelo popular para justificar sua imagem. São constantes as interferências do então presidente da República, o general Ernesto Garrastazu Médici, na escalação da Seleção Brasileira e atribui-se a ele a troca do técnico da equipe às vésperas da competição mundial: João Saldanha, treinador e também cronista de futebol, mas sabidamente um homem de visão política de esquerda, ligado ao então PCB (Partido Comunista Brasileiro) seria afastado do comando técnico, meses antes do início do campeonato mundial no México, assumindo em seu lugar Mário Jorge Lobo Zagallo.

Várias são as versões dos cronistas da época para essa mudança, desde a provável dispensa de Pelé por João Saldanha por um problema de visão do “Rei do Futebol” até a antipatia, por motivos óbvios, que os militares tinham por Saldanha.

Fato é que, com Zagallo no comando, Governo e Seleção tornavam-se hegemônicos pois uniam as duas instituições simbolicamente mais poderosas do país: a Política e o Futebol. Apenas como exemplo para lembrança, os slogans “políticos/futebolísticos” da época eram “Pra frente Brasil”, “Ame-o ou deixe-o”, “Vamos lá Seleção”, entre outros.

Se Saldanha foi retirado do comando técnico da seleção, continuava cada vez mais firme na “Seleção Brasileira dos Cronistas de Futebol”:

Nunca assisti a coisa igual. Só a torcida mexicana com seu traquejo de touradas poderia, de forma tão sincronizada e perfeita, dar um “Olé” daquele tamanho. Toda vez que Mane parava na frente de Vairo, os espectadores mantinham-se no mais profundo silêncio. Quando Mane dava aquele seu famoso drible e deixava Vairo no chão, um coro de cem mil pessoas exclamava: Ôôôô-lé”! O som do “olé” mexicano é diferente do nosso. O deles é o típico das touradas. Começa com um ô prolongado em tom bem grave, parecendo um vento forte, em crescendo, e termina com a sílaba “Lê” dita de forma rápida. Aqui é ao contrário: acentua-se mais o final “lê”: “Olééé!” – sem separar, com nitidez, as sílabas em tom aberto” (SALDANHA, 1967, p.175).

Aqui temos, talvez, uma das mais perfeitas expressões da relação texto/contexto do Futebol. João Saldanha, o ex-técnico e colunista de jornal, descreve o nascimento do drible conhecido pelo léxico “Olé” no jargão futebolístico.

Ôôôôô-lé”! O som do “olé” mexicano é diferente do nosso. O deles é o típico das touradas. Começa com um ô prolongado em tom bem grave, parecendo um vento forte, em crescendo, e termina com a sílaba “lê” dita de forma rápida. Aqui é ao contrário: acentua-se mais o final “Lê”: “Olééé!” – sem separar, com nitidez, as sílabas em tom aberto. (SALDANHA, 1967, p.175).

Ele descreve por meio do processo lingüístico de progressão da fala e dos tons do léxico “Olé”, a trajetória do drible no Brasil e no México. Saldanha consegue, com maestria, fazer-nos “ouvir” o olé mexicano e o olé brasileiro através de um efeito de sentido de proximidade: “o olé mexicano é diferente do nosso”.

Por já ter estado do “lado de dentro do campo”, atuando como treinador, o efeito de intimidade provocado por Saldanha não deixa de causar também uma combinação de modo a produzir no leitor um efeito de surpresa, que rompe com suas expectativas: “Toda vez que Mane parava na frente de Vairo, os espectadores mantinham-se no mais profundo silêncio”. Para logo em seguida “desfazer” a surpresa: “Quando Mane dava aquele seu famoso drible e deixava Vairo no chão, um coro de cem mil pessoas exclamava: Ôôôôô-lé”! [...]”(SALDANHA, 1967, p.175).¹⁵

Não só a recriação semântica (a história “floreada” pelo cronista sem assunto) aproxima essas palavras do seu significado dicionarizado, a aproximação via significante também caracteriza algumas palavras (personagens) do texto. As vogais fechadas (ô) e abertas (é) sugerem a força e a densidade de emoção contida no drible “Olé”. Portanto, pelo método da conversa fiada, do assunto-puxa-assunto ou da palavra-puxa-palavra, o cronista, que almejava um assunto para a sua crônica, acabava instigando o leitor a refletir sobre a língua portuguesa, mais precisamente sobre o exotismo de algumas palavras.

Portanto, estes dois nomes: João Saldanha, o “João sem medo” e Mário Filho são fundamentais na construção do gênero da crônica de futebol. O primeiro pela transição de linguagem e o segundo pela transição profissional¹⁶. Assim, o percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva.

¹⁵ Cf. crônica completa no Anexo E

¹⁶ O cronista esportivo Mário Filho (década de 40) cria seu círculo de influências, centrado no Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro e ilustra exatamente o momento histórico da transição: é lá que surge a crônica esportiva propriamente dita.

3.8 Os Jornais e as Revistas e as Coletâneas em Livros

Já dissemos que depois de escritas em jornais, as Crônicas de Futebol começaram a ser coletaneadas em livros. Mas queremos sublinhar que as publicações nos jornais, além de pioneiras, caracterizaram, com muita clareza, o momento histórico da consolidação do Futebol como esporte nacional e da crônica de Futebol como gênero permanente no jornalismo literário brasileiro.

Claro que no contexto do livro ampliam-se as possibilidades de leitura. A passagem do jornal para o livro traz mudanças de interpretação significativas para o gênero, das quais o leitor e o estudioso da crônica supostamente beneficiam-se. Isto porque enquanto o público do jornal é mais apressado, centra a sua atenção nas manchetes e, assim, faz uma leitura “corrida” e, artisticamente, menos compromissada, o leitor do livro é mais seletivo, reflexivo. De uma leitura mais atenta surge uma análise mais cuidadosa e profunda.

Por outro lado, é justamente no jornal que a crônica está “presa” ao conteúdo das demais notícias. Por isso é que estamos enfatizando, desde o início, que a crônica de Futebol se constituiu em literatura no jornal.

Interessou-nos também vasculhar a similaridade entre o fato histórico e a linguagem figurativa, metafórica, da crônica de futebol. Junto com seu aparecimento e o dos cronistas de futebol, a linguagem vai se refinando e ganhando “corpo literário” nos jornais.

Feitas essas considerações sobre as Crônicas de Futebol de jornal e as Crônicas de Futebol coletaneadas em Livro, vamos nos aprofundar um pouco mais agora sobre o hibridismo do gênero.

4 GOLAOÇO: O HIBRIDISMO DA CRÔNICA E O RELICÁRIO DA MEMÓRIA

Nas seções anteriores vimos como a Literatura e o Futebol se ambientaram no Brasil e se apropriaram dos jornais, advindos do nascimento da Imprensa, fruto da Revolução Burguesa e da Revolução Industrial.

Em relação à linguagem e ao estilo literário da crônica de futebol, constatamos duas rupturas significativas: a primeira ocorrida junto ao movimento da Semana de Arte Moderna, em 1922, com quebras de padrões rígidos, e a segunda a partir da década de 40, quando a imprensa se profissionalizava e o cronista de futebol passava a assumir papel de destaque nos jornais.

Assim, dos “folhetins-variedades” e da constituição do esporte de “marginal” a “popular” no país, resultaram várias características que compõem o gênero da crônica de futebol. A diversidade temática, o diálogo com o leitor, a liberdade formal e a peculiar leveza no tratamento dos assuntos consolidaram-se junto com o próprio esporte.

Dessa forma, a crônica moderna de futebol se afirma e desenvolve num espaço heterogêneo e continua se “avizinando” de outros gêneros literários, em conformidade com suas necessidades de expressão.

A liberdade formal permite que as conversas com os leitores, os exercícios de metalinguagem (metafutebolísticos), as notícias atuais e os fatos históricos ou as simples aventuras ou desventuras do cotidiano sejam apresentados sob a forma de carta, de poema (crônica em versos), de anedotas, de trocadilhos, de exercícios estilísticos ou até possam beirar os limites do conto, como dissemos.

Podemos, apenas para efeito didático, classificar as crônicas como: crônica narrativa (centrada em uma história ou episódio, por isso aproxima-se do conto); crônica metafísica: caracteriza-se por reflexões filosóficas ou por meditações sobre os fatos da vida; crônica comentário dos acontecimentos - acumulam os mais variados assuntos. E dentro dessa classificação podemos dizer que as crônicas de futebol contêm um pouco de cada uma delas.

Para o poeta Vinícius de Moraes, o cronista é uma espécie de “prosador do cotidiano”, que revitaliza os pequenos fatos do dia-a-dia. Assim, o cronista não apenas fantasia acontecimentos e sensações, pois a crônica oscila entre o visto e o imaginado, mas também os situa historicamente. E Vinícius de Moraes poetizou no futebol.

A seguir, em uma amostra de texto “metafutebolístico”, Vinícius de Moraes faz um poema brincando com a inventividade e a intuição do artista-jogador Manoel Francisco dos Santos, o Garrincha e o ofício do artista-poeta.

O Anjo de Pernas Tortas

A um passo de Didi, Garrincha avança
Colado o couro aos pés, o olhar atento
Dribla um, dribla dois, depois descansa
Como a medir o lance do momento.

Vem-lhe o pensamento: ele se lança
Mais rápido que o próprio pensamento,
Dribla mais um, mais dois; a bola trança
Feliz, entre seus pés – um pé de vento!”

Num só transporte a multidão contrita
Em ato de morte se levanta e grita
Seu uníssonos canto de esperança.

Garrincha, o anjo, escuta e atende: – Gooooool!
É pura imagem: um g que chuta um o
Dentro da meta, um l. É pura dança!
(MORAES, 1967, p.124).

Também o poeta dribla o leitor e o crítico com o próprio pensamento. A crônica de futebol pode ultrapassar os limites do “real” e superar a maneira de compor simples e direta do jornalismo.

Na esteira histórico-literária de Vinícius de Moraes podemos destacar os escritores Fernando Sabino, Lourenço Diaféria e Sérgio Porto (o Stanislaw Ponte Preta) que fizeram com que a crônica ganhasse um toque humorístico.

Lourenço Diaféria, numa crônica metalingüística, composta em forma de diálogo, coloca a seguinte questão: “O que é Crônica? – perguntaram a um cronista. - Não sei. Pergunte a meu editor. Ele só publica crônicas e sabe, infalivelmente, distingui-la de outro texto qualquer” (DIAFÉRIA apud MARCHEZAN, 1989, p.89).

Como sabemos, os comentaristas ou cronistas de seções especiais têm, como objetivo, informar e desenvolver seus motivos e idéias, utilizando argumentos, ora lógicos, ora sugestivos e persuasivos, em um conjunto ordenado que vise à persuasão do leitor. São conhecidos os componentes (Quem? /O Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?) que sintetizam a fórmula do *lead* (abertura da notícia), que informa e desperta o interesse do leitor pela matéria apresentada.

Entretanto, a crônica também pode apresentar uma dimensão ficcional na abordagem dos temas cotidianos, lembrando o folhetim. Nesse caso, o tratamento dado ao tema pode ser lírico, sentimental e até mesmo se valer da linguagem poética, como vimos no fragmento acima.

4.1 A Simpatia do Futebol da Ferroviária de Araraquara

Se a evolução da linguagem acompanha o tempo histórico como vimos afirmando, tomemos como exemplo uma crônica de 1968, escrita por Lourenço Diaféria, chamada “Que Simpatia!”, e publicada na página dois do jornal *Folha de S.Paulo*.

Essa crônica vai nos mostrar melhor o que pretendemos neste ítem: o hibridismo do gênero e sua relação com a perspectiva histórica. Vamos assim entender bem a consolidação do Futebol como uma das grandes “instituições” do país e o estilo literário da crônica no “país do futebol”. É a relação texto/contexto que enfatizamos necessária. Vejamos “Que Simpatia!”

“Que simpatia!”¹⁷

Juro por Deus que, se eu tivesse de canonizar um time de futebol e colocá-lo inteirinho nos altares como exemplo de virtudes, escolheria a Ferroviária de Araraquara sem pestanejar. Começa que é um quadro simpático. A simpatia de um clube não tem nada a ver com a boa ou má aparência de seus jogadores. Aliás, é bom que se diga, jogador de futebol costuma ser feio como briga de foice: uma ou outra exceção pelos verdes gramados serve apenas para disfarçar. No geral, jogador de futebol tem mais cara de assombração que outra coisa. Está certo: um bom beque de espera só impõe respeito quando arma carranca. E ponta que dribla dando risada não presta.

Acontece que o jogador de futebol se transfigura. Na hora do gol, todo atacante vira o próprio arcanjo Gabriel e o mais enfezado goleiro, quando recolhe a bola no ângulo é um autêntico querubim recoberto de luz e ouro. Ou seja: qualquer craque de futebol, por mais hediondo que seja, mesmo vestido de lobisomem, durante a partida em toda ela ou em parte dela assume uma beleza de Apolo sem namorada. Fica, pois, claro que quando digo que a Ferroviária é um time simpático, quero dizer que até Drácula pode usar seu uniforme de glória, que, cinco minutos depois, todas as moças da cidade estão aplaudindo o rapaz. A ferroviária tem o espírito da simpatia.

Um clube que usa a poesia de um estádio da Fonte Luminosa, um clube que cai e sabe se levantar sacudindo a poeira e os desgostosos, um clube que ostenta uma dignidade que não se encontra em cada esquina nem da capital, nem do interior, esse clube tem tudo para se transformar em orgulho de uma cidade. Se eu fosse dono da Praça de Toledo, nos feriados nacionais mandava hastear, ao lado do pavilhão brasileiro, a bandeira da Ferroviária.

Além da simpatia, a Ferroviária possui também a fortaleza dos times de bem, cultivando o futebol com carinho e seriedade. Para ela, o futebol não é um fim, é um meio. Um instrumento de afirmação, uma ferramenta de trabalho, pela qual zela e do

¹⁷ Publicada no jornal Folha de S.Paulo, no dia 21 de janeiro de 1968, por ocasião da conquista pela Ferroviária, de Araraquara, do título de campeã paulista do interior. O jornal homenageava o vencedor com o troféu Folha de S.Paulo.

qual cuida. Fica, pois, em excelentes mãos (ou excelentes pés?) este troféu Folha de S.Paulo.

Estamos, portanto, diante de um luminoso domingo, em que uma cidade em festas recebe o justo prêmio de seus esforços, mercê do trabalho inteligente da Ferroviária.

Certamente, até em Sá da Bandeira, no fim do mundo de Angola, há gente alegre com a conquista da Ferroviária.

Campeã do interior é um título que cai otimamente. (DIAFÉRIA, 1968, p.10).

A construção de sentido de grandeza do Futebol, através de um time do interior do Estado de São Paulo, a Ferroviária, é feita pelo enredamento da imagem de “símbolo nacional”, ligada ao patriotismo, portanto, recobrando as instituições mais fortes no imaginário popular: a Igreja e o Estado.

“[...] nos feriados nacionais mandava hastear, ao lado do pavilhão brasileiro, a bandeira da Ferroviária”.

À época da publicação, janeiro de 1968, o time da Ferroviária - personagem principal da crônica - inicia um processo de venda de seus jogadores para os grandes clubes da capital. O meio-campista Olegário Tolói, o Dudu, saíria da Ferroviária e iria para o Palmeiras da capital, vindo posteriormente a ser ídolo do clube paulistano e fazer parte do time que ficou conhecido como “Academia de Futebol do Palmeiras” pela maneira “artística” com que os jogadores tratavam o futebol.

Relata o historiador Marcelo Cirino (2006, p.168) que Dudu, “[...] participou da vitoriosa excursão da Ferroviária à Europa e África, tendo se destacado muito. Iniciou, então, o assédio dos grandes clubes da capital para contratar a nova revelação do elenco grená. Consultado, o técnico Agnelli afirmava à Gazeta Esportiva Ilustrada: ‘Dudu é dos que não podem sair, será difícil encontrar alguém que possa fazer o que ele faz’ ”. Perguntado se não desejaria atuar em um time grande da Capital, Dudu respondeu: “[...] e a ferroviária, não é grande?” (CIRINO, 2006, p.168).

Porém, a Ferroviária conseguiu segurar o “moço de Araraquara” por pouco tempo. Em 31 de março de 1964 ele foi vendido para a Sociedade Esportiva Palmeiras, de onde foi convocado para a Seleção Brasileira e só não foi à Copa de 1968 na Inglaterra porque se preferiu levar um

jogador carioca, pois era no Rio de Janeiro que se articulava a “política” do futebol. Denílson, do Fluminense, iria em seu lugar.

Além de Dudu, Osmar Alberto Volpe, o Pio, também saíria da Ferroviária para o Palmeiras em 1968. Depois de Pio, era a vez de Nei, em 1972, ser contratado pelo Palmeiras, equipe que defendeu até janeiro de 1981, sempre como titular. No Palmeiras, formou-se na famosa “academia do mestre Brandão”: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Leivinha, César e Nei.

Outra revelação “daqueles tempos” da Ferroviária, Arnaldo Poffo Garcia, ou o popular “Peixinho” viria para o time depois de ter feito o primeiro gol do estádio “Cícero Pompeu de Toledo”, o Morumbi, atuando pelo São Paulo Futebol Clube.

Por fim, há que se relacionar nesse contexto, também, o jogador Olivério Bazani Filho, vendido ao Corinthians em 29 de janeiro de 1963, durante uma excursão da Ferroviária às Américas e a África. É, portanto, sobre este time de craques do interior que ganham a capital, que o cronista desenvolve sua retórica de engrandecimento do futebol. Assim também, a Ferroviária é uma das raras equipes do interior do estado, e até do país, a excursionar pelo continente europeu e outros cantos do mundo, com sucesso, à época.

A segunda grande excursão da Ferroviária ao exterior foi dirigida às Américas do Sul e Central, no ano de 1963. O clube, na ocasião, era presidido por seu fundador, Pereira Lima [...] Aproveitando o prestígio desfrutado pela AFE, principalmente após a excursão à Europa e África três anos antes, Pereira Lima organizou um novo giro de amistosos, desta vez na América Central, visando divulgar nessa região o nome e futebol de Araraquara (CIRINO, 2006, p.79).

E esse time que queria mostrar o futebol ao mundo foi personagem estético na crônica de Diaféria (1968, p.10): “Certamente, até em Sá da Bandeira, no fim do mundo de Angola, há gente alegre com a conquista da Ferroviária”.

Com isso, a Ferroviária ganha espaço na imprensa paulistana, que também naquele momento vivia seu ápice de expansão no campo futebolístico. O time de Araraquara construiria, então, o sentido de “grandioso” time de futebol do interior, um sentido que carrega até os dias atuais. Para se ter uma idéia do que estamos dizendo, “no ano de 1974, o Cosmos de New York contratou o Atleta do Século para que, além de disputar o campeonato americano de *soccer*, ajudasse a divulgar o esporte na terra do tio Sam. Chegando ao aeroporto novaiorquino e perguntado, por vários repórteres internacionais, se conhecia o futebol praticado no Cosmos, Pelé

disse: “Fui informado que o Cosmos pratica um futebol vistoso e solidário, sem botinadas, eficiente e objetivo, como o da Ferroviária de Araraquara” (CIRINO, 2006, p.175).

4.1.1 A plasticidade das jogadas de Diaféria

Na crônica “Que Simpatia” (DIAFÉRIA, 1968, p.10), o narrador explora aspectos de cumplicidade e envolvimento com o leitor. O leitor já estava presente como um interlocutor assíduo e participativo desde o início do texto, sendo um aliado-amigo que recebe a “confidência” que começa com uma expressão popular e transcendente “Juro por Deus”.

“Juro por Deus que, se eu tivesse de canonizar um time de futebol e colocá-lo inteirinho nos altares como exemplo de virtudes, escolheria a Ferroviária de Araraquara sem pestanejar.”

Alguns estudiosos do gênero analisam esse tom de intimidade como uma projeção, que se oferece ao leitor, envolvido por uma afinidade construída pelo texto. Nessa crônica, vamos observar também que o *lead* da “notícia” está invertido, ou seja, a primeira e principal informação está no final do texto.

“Campeã do interior é um título que cai otimamente.”

As relações entre o jornalismo e a literatura marcam, com relevância, essa crônica. Para “contar” a sua estória, o escritor dá voz a um narrador espirituoso, que se dirige de forma direta ao leitor, de modo a chamar a sua atenção, não apenas para o conteúdo do enunciado, mas, principalmente, para a sua enunciação.

Dessa maneira, o texto vai tomando contorno, tornando-se mais concreto ao ter recoberta sua estrutura profunda. Ao singularizar personagens, espaços e tempos, o texto literário opera uma transformação própria: “emblematisa” cada experiência singular. Vejamos como, através de um efeito de sentido de humor, o personagem “jogador de futebol” é singularizado:

Aliás, é bom que se diga, jogador de futebol costuma ser feio como briga de foice: uma ou outra exceção pelos verdes gramados serve apenas para disfarçar. No geral, jogador de futebol tem mais cara de assombração que outra coisa. (DIAFÉRIA, 1968, p.10).

Outro fator a ser destacado sob o ponto de vista do leitor é que o narrador inicia a texto colocando a Ferroviária numa posição mais alta, ou “nos altares”. Com essa “santificação”, ele vai construindo um texto imagético e jogando com o leitor o jogo do engrandecimento de caráter da Ferroviária, exaltando-lhe as virtudes.

Juro por Deus que, se eu tivesse de canonizar um time de futebol e colocá-lo inteirinho nos altares como exemplo de virtudes, escolheria a Ferroviária de Araraquara sem pestanejar.(DIAFÉRIA, 1968, p.10).

O narrador está “santificando” o time e, portanto, reforçando seu sentido de grandeza. Além de usar a expressão já codificada pela oralidade: “Juro por Deus [...]”, ele diz que colocaria a Ferroviária num altar. Essa alusão ao espaço - altar - ajuda a dar concretude ao sentido santificado pretendido. Assim, o texto vai se constituindo numa rede figurativa coerente com a imagem que está construindo.

Num outro momento, mesmo sem estar se referindo diretamente ao time da Ferroviária - pois está descrevendo o momento gol no futebol, a narração inclui outra personagem interessante no discurso - o arcanjo Gabriel - conseguindo emblematizar, uma vez mais, o sentido de santidade que pretende construir para a Ferroviária: “Na hora do gol, todo atacante vira o próprio arcanjo Gabriel [...]” (DIAFÉRIA, 1968, p.10).

Todas essas imagens podem referir-se à construção de um narrador que considera o futebol como uma religião. Desde o início vimos falando da formação do futebol como verdadeira “entidade” no Brasil. Portanto, as expressões figurativas do texto: “Juro por Deus”; “canonizar um time”; “colocá-lo inteirinho nos altares”; “arcanjo Gabriel”; “querubim recoberto de luz e ouro”; “uniforme de glória”, “espírito da simpatia”; “dignidade”; “fortaleza dos times de bem”, criam uma narrativa isotópica, que, pela reafirmação em vários tópicos da figura da religião, convencem o leitor do “tamanho” histórico-cultural do futebol.

E não convencem apenas o leitor.

Também o que o narrador sente, em relação ao que está dizendo, é importante. Ele, narrador, tem uma atitude religiosa diante do time. Essa é uma questão da paixão, do afeto, que marca os textos literários – a imagem do narrador que o próprio texto cria.

O texto também perspassa o folclore nacional, com a expressão: “um craque vestido de lobisomem”, e retoma a forma oral das fábulas e de contação dos fatos. O lobisomem é uma criatura, metade homem e metade lobo. De acordo com a lenda essa criatura se alimenta de crianças e antes do sol nascer, quando o galo canta, o Lobisomem volta ao mesmo lugar de onde partiu e se transforma outra vez em homem.

Vamos observar no texto essa similaridade de transformação em lobisomem e, em seguida, re-transformação em “homem”: “[...] mesmo vestido de lobisomem, durante a partida em toda ela ou em parte dela [...]”.

A narrativa também aproveita o sentido “santificante” para construir a figura do jogador de futebol cercada de suspense. É uma maneira de apreender a atenção do leitor e, uma vez mais, remeter à função “transcendente” do futebol:

“Ou seja: qualquer craque de futebol, por mais hediondo que seja, mesmo vestido de lobisomem [...] assume uma beleza de Apolo sem namorada”.

A referência à mitologia é o recurso final, quase como com “cheque-mate” para a “narrativa santificadora”. A figura isotópica de “Apolo” nos faz lembrar que, em época mais tardia, Apolo era identificado com Hélios, deus do sol.

Foi também conhecido como deus da profecia. Inúmeros oráculos eram-lhe atribuídos, sendo o mais famoso o Oráculo de Delfos, o mais importante de toda a antiguidade que era visitado por inúmeros visitantes. Zeus, seu pai, presenteou-o com arco e flechas de ouro. Outra faceta desse deus é a sua parte mais violenta, quando ele usa o arco, para disparar dardos letais que matam os homens com doenças ou mortes súbitas. Ainda assumindo esse lado mais negro, Apolo é o deus das pragas de ratos e dos lobos, que atormentavam muitas vezes os gregos.

Portanto, deus das pragas e dos lobos, Apolo salva o jogador - transfigurado em lobisomem - de si mesmo. Apolo era identificado com o Sol e o time mora no Sol, já que Araraquara, cidade sede do time da Ferroviária, tem esse nome advindo da tradição indígena: Ara-Coara (“Morada do Sol”).

Assim, esse discurso em ato, construído essencialmente de forma metafórica, é o que possibilita à narrativa um efeito de sentido humanizante para o leitor do texto, porque o “aproxima” da história que conta.

4.1.2 As fintas da enunciação de Diaféria

As possibilidades de enunciação que têm o autor na estruturação do texto dão a ele as condições de manipulação da obra, promovendo o “jogo das sensações”. Assim, é imediato o título do enunciado que o autor/narrador confere à crônica: “Que Simpatia!”. A idéia da “simpatia” vem acrescida graficamente do ponto de exclamação que funciona como um recurso lingüístico enfático, promovedor de um efeito de simpatia mesmo.

Para compor seu texto, o cronista usa artifícios da banalidade cotidiana: ele está sempre à procura de um “fato cronicável”, isto é, acontecimentos curiosos, engraçados, trágicos e, às vezes, até ternos:

“Aliás, é bom que se diga, jogador de futebol costuma ser feio como briga de foice: uma ou outra exceção pelos verdes gramados serve apenas para disfarçar”.

O “diálogo implícito” com o leitor possibilita que o narrador faça comentários “sem importância” no decorrer do texto. Observar a aparência estética de um jogador – isto é, se ele é feio ou bonito – não teria a menor importância perto do “real acontecido”, ou seja, o título que a Ferroviária acabara de conquistar. Mas, o aparente discurso intimista serve apenas para disfarçar o contexto histórico-político da época.

Fundada em 1950, a Ferroviária era o time dos ferroviários. Várias equipes do interior do estado de São Paulo constituíram-se em torno da malha ferroviária e dos lucros que a ferrovia trazia à época.

Podemos citar, das cidades do interior de São Paulo, o América de São José do Rio Preto e o Noroeste de Bauru, entre outros. Em 1969, a Ferroviária conseguiria seu maior feito: o Tri-Campeonato de futebol do interior. Depois de ser rebaixada para a segunda divisão (1965), a equipe retorna no ano seguinte e, por três vezes consecutivas, conquista o campeonato do interior.

Observamos a similaridade das conquistas: o Brasil é tricampeão mundial de futebol em 1970. A Ferroviária é tricampeã de futebol do interior em 1969.

O presidente e criador da Ferroviária (12/05/1950) foi o diretor da Estrada de Ferro da Araraquarense, engenheiro Antonio Tavares Pereira Lima, que ergue o estádio em 100 dias, demonstrando que as raízes do poder econômico, constituído em torno da malha ferroviária do interior do Estado, não mediam esforços para arremeter fundos para alavancar um importante instrumento de apoio “político”: o futebol já era um “esporte popular”.

Vale dizer que o estádio – hoje conhecido como Fonte Luminosa – leva o nome do então governador “Adhemar de Barros”, situando, uma vez mais, a união das instituições Governo-Futebol. Era uma época em que as estradas de ferro ainda eram o maior meio de transporte do Brasil, e começava a surgir o *slogan* político: “Abrir estradas para construir o futuro”, do então presidente da República, Washington Luís.

Portanto, e ainda rememorando a origem de Charles Milles, o pai do futebol, por ter trabalhado em estrada de Ferro em sua volta ao Brasil, fica ainda mais evidente a similaridade do poder econômico amalgamado ao novo esporte popular que, por sua vez, estava amalgamado aos novos empreendimentos da indústria da imprensa. Tanto é assim, que o texto foi publicado na *Folha de S.Paulo*, um dos jornais de maior tiragem do país até hoje.

O jornal, em 1965, instituiu um troféu que levava seu nome, destinado a premiar o time do interior que obtivesse a melhor colocação no Campeonato Paulista. Tratava-se de um incentivo aos times da nossa “hinterlândia” para procurarem formar e manter equipes de alto nível, em condições de competir efetivamente com os grandes da capital. O clube interiorano considerado “Campeão do Interior”, título oficializado pela Federação Paulista de Futebol, receberia o aludido Troféu.

“A Ferroviária já havia sido, anteriormente, “A grande entre os pequenos” e, portanto, oficiosamente a “Campeã do Interior”.(CIRINO, 2006, p.95).

Era, pois, o retrato do desenho histórico que citamos acima.

Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido”. (BARROS, 2000, p.7).

Mas, internamente, o texto assume um tom despretenso, mesclado a um toque humorístico, mostrando que a crônica de futebol ajusta-se à sensibilidade de todo o dia e, assim, estimula a simplicidade reveladora e penetrante que ainda reside no homem comum.

“Estamos, portanto, diante de um luminoso domingo, em que uma cidade em festas [...]” (DIAFÉRIA, 1968, p.10).

Assim, os jogos discursivos compostos no enunciado são constantes. Essa é uma das principais características do processo de enunciação na crônica de futebol. Podemos até compará-la com um jogo de futebol, que hora está meio “chato”, “morno” e, de repente, “numa fração de segundos” ocorre um gol ou uma jogada maravilhosa. É dentro dessa alternância na forma de enunciação que se forma uma rede de condução que prende e apreende o leitor.

Assim, a crônica se parece, iconicamente, com um jogo de futebol, com seus momentos mais distensos e outros mais empolgantes.

Um clube que usa a poesia de um estádio da Fonte Luminosa, um clube que cai e sabe se levantar sacudindo a poeira e os desgostosos, um clube que ostenta uma dignidade que não se encontra em cada esquina nem da capital, nem do interior, esse clube tem tudo para se transformar em orgulho de uma cidade. (DIAFÉRIA, 1968, p.10).

A imagem do “cair e levantar” reflete bem a tensão e a “distensão” do texto. Por isso, às vezes a narrativa é hiperbólica, grandiosa e veloz e, às vezes, diminui o ritmo da história, com um discurso “mais próximo da verdade”.

“Fica, pois, em excelentes mãos (ou excelentes pés?) este troféu Folha de S.Paulo” (DIAFÉRIA, 1968, p.10).

Sem deixar de dizer que a Ferroviária ganhara o troféu, o autor desenha no texto a sua marca específica, em que coloca e aponta seus valores, críticas e apreciações.

Outra marca forte desse texto é a forma como atua o narrador: sendo onisciente, se intromete a todo o momento na “história”:

“Se eu fosse dono da Praça de Toledo, nos feriados nacionais mandava hastear, ao lado do pavilhão brasileiro, a bandeira da Ferroviária” (DIAFÉRIA, 1968, p.10)

Vale ressaltar que essas “grandes” instituições – Praça Pedro de Toledo, Pavilhão Nacional - são misturadas ao cotidiano da cidade, às paisagens e aos costumes, evidenciando ainda mais o recurso figurativo da narração.

São essas intrusões, misturadas a uma narrativa pouco extensa, com quadros e cenas representando uma situação em que seres fantásticos e imortais intervêm nos assuntos dos mortais, que provocam o efeito literário do acontecimento “jornalístico”:

“[...] e o mais enfezado goleiro, quando recolhe a bola no ângulo é um autêntico querubim recoberto de luz e ouro.” (DIAFÉRIA, 1968, p.10).

Defender uma bola no ângulo, para um goleiro de futebol, é um gesto de extrema habilidade e dificuldade. Ao citar “querubim”, o autor continua costurando sua rede figurativa da imagem de “santidade” ao goleiro e, por extensão, à Ferroviária e ao Futebol.

E é nessa rede figurativa que a crônica de futebol só se amarra na “costura” com a rede enunciativa.

Falamos um pouco das posições do autor/narrador. Vamos agora, em outra crônica literária de futebol, explicitar um pouco mais essa forma de enunciação tão característica nos autores/narradores das crônicas de futebol.

4.2 Jogando com a Bola nos Pés: a habilidade de Armando Nogueira em México 70

Mostramos, na última análise, as intromissões do autor/narrador na crônica de futebol. Pode-se perceber, então, que em grande maioria das crônicas de futebol o autor não se descola do narrador.

Estabelecido o contato com o leitor, o cronista-narrador comenta sobre a própria experiência de vida e expõe as suas convicções e, sobretudo, as suas “limitações” (o saber essencial, como se diz).

A forma narrativa confessional escolhida para o texto serve para suscitar uma impressão empática. Por exemplo, a modéstia do cronista, ainda que simulada, é mais interessante que a ostentação, pois consegue despertar a simpatia de quem lê.

Além dessa identificação, a narração confessional cria uma relação de intimidade e de cumplicidade com o leitor, que acaba se tornando o confidente (o ouvinte) para quem o cronista revela as suas experiências, opiniões e idéias.

Vamos então observar na crônica “México 70”, de Armando Nogueira, a relação entre o discurso narrado e a figura humana do escritor; e como eles se confundem.

O foco narrativo em primeira pessoa e a presença de algumas características autobiográficas e estilísticas (o jornalista Armando Nogueira cobriu várias copas do Mundo) faz a crônica parecer um depoimento pessoal. No entanto, logo se destaca a verve emocional do cronista, onde se reconhece a presença de uma “certa” ficção.

México 70¹⁸

E as palavras, eu que vivo delas, onde estão? Onde estão as palavras para contar a vocês e a mim mesmo que Tostão está morrendo asfixiado nos braços da multidão em transe? Parece um linchamento: Tostão deitado na grama, cem mãos a saqueá-lo. Levam-lhe a camisa levam-lhe os calções. Sei que é total a alucinação nos quatro cantos do estádio, mas só tenho olhos para a cena insólita: há muito que arrancaram as chuteiras de Tostão. Só falta, agora, alguém tomar-lhe a sunga azul, derradeira peça sobre o corpo de um semideus.

Mas, felizmente, a cautela e o sangue-frio vencem sempre: venceram, com o Brasil, o Mundial de 70, e venceram, também, na hora em que o desvario pretendia deixar Tostão completamente nu aos olhos de cem mil espectadores e de setecentos milhões de telespectadores do mundo inteiro.

E lá se vai Tostão, correndo pelo campo afora, coberto de glórias, coberto de lágrimas, atropelado por uma pequena multidão. Essa gente, que está ali por amor, vai acabar

¹⁸ Publicada no Jornal do Brasil (1970), por ocasião da conquista do Tricampeonato Mundial de Futebol, pela Seleção Brasileira, no México.

sufocando Tostão. Se a polícia não entra em campo para protegê-lo, coitado dele. Coitado, também, de Pelé, pendurado em mil pescoços e com um sombrero imenso, nu da cintura para cima, carregado por todos os lados ao sabor da paixão coletiva.

O campo do Azteca, nesse momento, é um manicômio: mexicanos e brasileiros, com bandeiras enormes, engalfinham-se num estranho esbanjamento de alegria.

Agora, quase não posso ver o campo lá embaixo: chove papel colorido em todo o estádio. Esse estádio que foi feito para uma festa de final: sua arquitetura põe o povo dentro do campo, criando um clima de intimidade que o futebol, aqui, no Azteca, toma Emprestado à corrida de touros.

Cantemos, amigos, a fiesta brava, cantemos agora, mesmo em lágrimas, os derradeiros instantes do mais bonito Mundial que meus olhos jamais sonharam ver. Pela correção dos atletas, que jogaram trinta e duas partidas, sem uma só expulsão. Pelo respeito com que cerca de trezentos profissionais de futebol se enfrentaram, músculo a músculo, coração a coração, trocando camisas, trocando consolo, trocando destinos que hão de se encontrar, novamente, em Munique 74.

Choremos a alegria de uma campanha admirável em que o Brasil fez futebol de fantasia, fazendo amigos. Fazendo irmãos em todos os continentes. Orgulha-me ver que o futebol, nossa vida, é o mais vibrante universo de paz que o homem é capaz de iluminar com uma bola, seu brinquedo fascinante. Trinta e duas batalhas, nenhuma baixa. Dezesseis países em luta ardente, durante vinte e um dias — ninguém morreu. Não há bandeiras de luto no mastro dos heróis do futebol.

Por isso, recebam, amanhã, os heróis do Mundial de 70 com a ternura que acolhe em casa os meninos que voltam do pátio, onde brincavam. Perdoem-me o arrebatamento que me faz sonegar-lhes a análise fria do jogo. Mas final é assim mesmo: as táticas cedem vez aos rasgos do coração. Tenho uma vida profissional cheia de finais e, em nenhuma delas, falou-se de estratégias. Final é sublimação, final é pirâmide humana atrás do gol a delirar com a cabeçada de Pelé, com o chute de Gérson e com o gesto bravo de Jairzinho, levando nas pernas a bola do terceiro gol. Final é antes do jogo, depois do jogo — nunca durante o jogo.

Que humanidade, senão a do esporte, seria capaz de construir, sobre a abstração de um gol, a cerimônia a que assisto, neste instante, querendo chorar, querendo gritar? Os

campeões mundiais em volta olímpica, a beijar a tacinha, filha adotiva de todos nós, brasileiros? Ternamente, o capitão Carlos Alberto cola o corpinho dela no seu rosto fatigado: conquistou-a para sempre, conquistou-a por ti, adorável peladeiro do Aterro do Flamengo. A tacinha, agora, é tua, amiguinho, que mataste tantas aulas de junho para baixar, em espírito, no Jalisco de Guadalajara.

Sorve nela, amiguinho, a glória de Pelé, que tem a fragrância da nossa infância.

A taça de ouro é eternamente tua, amiguinho.

Até que os deuses do futebol inventem outra. (NOGUEIRA, 1970, p.5).

Esse entrelaçamento “ficção/real” é muito freqüente na literatura contemporânea e se complica, ainda mais, quando o texto é uma crônica escrita em primeira pessoa. Nesse gênero, como sabemos, a ilusão de realidade é bem maior do que aquela normalmente encontrada em textos de instância puramente fictícia, pois parece que o próprio autor é quem toma a palavra.

Pensando nessas relações, podemos nos questionar: afinal, numa crônica, escritor e cronista são a mesma pessoa ou o cronista é uma “invenção” do escritor?

O texto de Armando Nogueira (1970) revela o grau hiperbólico do autor e seu fazer-literário dentro do jornalismo. Observamos sua estratégia: ele dialoga com o leitor imaginário, no sentido de convencê-lo de sua própria história: seus fluxos de pensamentos constantes são recobertos com o sentido da própria história da partida em 1970.

“Que humanidade, senão a do esporte, seria capaz de construir, sobre a abstração de um gol, a cerimônia a que assisto, neste instante, querendo chorar, querendo gritar?” (NOGUEIRA, 1970, p.5).

Dessa maneira, Nogueira consegue, por um efeito de linguagem, mesclar ou dizer uma emoção, colocando uma camada sensível sobre a superfície inteligível de seu discurso: o enunciado nos emociona, nos comove, ou seja, nos move a fazer algo.

Nogueira abre o texto dizendo não “saber onde estão as palavras”, já pactuando com o leitor que o texto virá de seu imaginário e será compartilhado pelo leitor. Literalmente ele diz:

“Onde estão as palavras para contar a vocês e a mim mesmo[...]” (NOGUEIRA, 1970, p.5).

Ora, Nogueira também se coloca, com ousadia, na condição de expectador do jogo e do texto, assumindo uma postura passiva. Nada tem ele a fazer em relação ao texto que está por vir. É a firmação, portanto, do pacto entre autor e leitor, ou entre enunciador e enunciatário no dizer semiótico.

A linha francesa da semiótica leva em conta as nuances culturais do produtor do discurso, no caso, o jornalista Armando Nogueira. A partir daí é que se darão as nuances dos outros atores dentro da enunciação. E o mesmo princípio vale para aquele que lê ou olha: o enunciatário será ele também, construído pelo objeto de sentido - a conquista da taça de campeão mundial. Isso demonstra o contrato entre enunciador e enunciatário. E todo o sentido está no texto. Vejamos como essa questão fica explícita neste outro trecho:

“E as palavras, eu que vivo delas, onde estão?[...]”(NOGUEIRA, 1970, p.5).

São esses recursos que denotam a universalidade, característica do discurso literário. Vejamos ainda outro trecho:

[...] conquistou-a por ti, adorável peladeiro do Aterro do Flamengo. A tacinha, agora, é tua, amiguinho, que mataste tantas aulas de junho para baixar, em espírito, no Jalisco de Guadalajara.
Sorve nela, amiguinho, a glória de Pelé, que tem a fragrância da nossa infância.
A taça de ouro é eternamente tua, amiguinho [...] (NOGUEIRA, 1970, p.5).

Ao oferecer a taça ao “peladeiro”, ao “amiguinho”, ao aluno que “matou” a aula para assistir ao jogo de futebol do Brasil, Nogueira, coloca todos esses atores num mesmo plano de enunciação. No próprio plano da Seleção Brasileira. Mais adiante, ele iguala o capitão da Seleção Brasileira com um cidadão comum. Vejamos:

Os campeões mundiais em volta olímpica, a beijar a tacinha, filha adotiva de todos nós, brasileiros? Ternamente, o capitão Carlos Alberto cola o corpinho dela no seu rosto fatigado: conquistou-a para sempre, conquistou-a por ti, adorável peladeiro [...] (NOGUEIRA, 1970, p.5).

É assim que o autor vai costurando o sentido do texto como uma conquista de todos. Inclusive dele mesmo. É o pacto amalgamado de que falamos e que fica evidente no enunciado com a estratégia intimista adotada.

A paisagem estrategicamente construída no enunciado também é usada pelo enunciador como forma de envolver seu leitor na imagem da partida. A força imagística de Nogueira é extremamente marcante no trecho em que ele descreve o “linchamento” de Tostão:

Tostão está morrendo asfixiado nos braços da multidão em transe? Parece um linchamento: Tostão deitado na grama, cem mãos a saqueá-lo. Levam-lhe a camisa levam-lhe os calções. Sei que é total a alucinação nos quatro cantos do estádio, mas só tenho olhos para a cena insólita: há muito que arrancaram as chuteiras de Tostão. Só falta, agora, alguém tomar-lhe a sunga azul, derradeira peça sobre o corpo de um semi-deus[...] (NOGUEIRA, 1970, p.5).

O “transe” da multidão é similar ao “transe” do leitor, envolvido pela estratégia enunciativa do narrador, que diz “só ter olhos para a cena insólita [...]”.

Neste outro trecho:

“[...] toma emprestado à corrida de touros [...]”(NOGUEIRA, 1970, p.5).

A metáfora entre o futebol e a corrida de touro é emblemática, uma vez que constrói o sentido do espetáculo no texto. No México, as touradas são tão ou mais tradicionais que o futebol. Assim, ao comparar os dois eventos, o autor dá a dimensão exata do tamanho da conquista:

“[...] criando um clima de intimidade que o futebol, aqui, no Azteca, toma emprestado à corrida de touros.” (NOGUEIRA, 1970, p.5).

Mais que isso, o autor universaliza o futebol e a conquista do Brasil a um ato ecumênico, de solidariedade, que envolve, democraticamente, todos os povos, não importando raça, credo ou qualquer outra crença cultural. Vejamos:

Choremos a alegria de uma campanha admirável em que o Brasil fez futebol de fantasia, fazendo amigos. Fazendo irmãos em todos os continentes.

Orgulha-me ver que o futebol, nossa vida, é o mais vibrante universo de paz que o homem é capaz de iluminar com uma bola, seu brinquedo fascinante. Trinta e duas batalhas, nenhuma baixa. Dezesseis países em luta ardente, durante vinte e um dias — ninguém morreu. Não há bandeiras de luto no mastro dos heróis do futebol. (NOGUEIRA, 1970, p.5).

“O futebol, nossa vida!” A expressão emblematiza todo o processo metafórico de enunciação que Nogueira confere à obra. Nessa frase, está, portanto, sintetizada a idéia principal da crônica: a lendária conquista do Tri-campeonato Mundial pela Seleção Brasileira de 1970.

Fica evidenciado, novamente, como Nogueira se “expõe”, se confessa ... , não dando margens a uma análise apenas tática da partida. Vejamos o trecho:

Perdoem-me o arrebatamento que me faz sonegar-lhes a análise fria do jogo. Mas final é assim mesmo: as táticas cedem vez aos rasgos do coração. Tenho uma vida profissional cheia de finais e, em nenhuma delas, falou-se de estratégias. Final é sublimação [...] (NOGUEIRA, 1970, p.5).

Assim é que, em 1970, o título da Seleção Brasileira de Futebol jogando um “futebol-arte” marcou de vez o Brasil como o país do Futebol.

A imprensa e a literatura participaram ativamente desse processo. A marca épica que Nogueira conferiu à crônica serviu, naquele momento, para emblematizar a Seleção de Futebol que ficaria guardada no imaginário do país do futebol como a melhor formação de todos os tempos.

Apesar de o Brasil, à época, já ter conquistado duas Copas do Mundo (1958 e 1962) e, posteriormente, conquistaria outras duas (1994 e 2002), foi a Seleção Brasileira de Futebol de 1970 que “batizou” o Brasil como país do futebol.

Por fim, em *A crônica*, Jorge de Sá (1985,p.9) diz: “[...] quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós leitores estivéssemos diante de uma reportagem”.

De fato, quando lemos uma crônica em primeira pessoa, recurso que proporciona maior verossimilhança ao texto, temos a impressão de que quem nos fala é o próprio escritor, pois é característica da crônica, que busca um efeito de familiaridade, tentar uma maior aproximação entre a experiência de vida do escritor e a “experiência de vida do cronista”. Porém, mesmo escrito em primeira pessoa, esse fragmento, como um de qualquer outra crônica, é uma criação do seu autor, como, aliás, a própria figura do cronista.

ALGUMAS PALAVRAS DE APITO FINAL

Durante nosso percurso, uma constatação se fez sempre muito evidente: mesmo com inúmeras variações de estilo, discussões literárias a respeito de gênero, interpretações e “leituras” de formas narrativas, ao longo dos séculos, o vocábulo “crônica” pode até ter mudado de sentido, mas nunca perdeu a relação com o seu sentido etimológico, ou seja, sempre esteve “preso” ao tempo.

E correu-se o tempo deste nosso jogo. Nos momentos iniciais, redesenhamos o caminho histórico da crônica, buscando suas raízes históricas: de que forma nasceu, de onde surgiu e qual o caminho que percorreu até se constituir no que representa hoje para a literatura.

Feito isso, buscamos o início histórico da literatura brasileira, para, dessa maneira, sustentar nossa convicção da crônica como “gênero literário”.

Fomos, ao lado da procura pelo início da literatura no Brasil, buscar as raízes do futebol no país. Trabalhamos com algumas hipóteses num esforço para aumentar a reflexão sobre o espaço hegemônico que esse esporte/arte ocupa no imaginário e também na história política, econômica, cultural e social brasileira.

Tivemos então que demarcar o surgimento da imprensa no Brasil, uma vez que a notoriedade da discussão de estilos sobre a crônica ser “gênero literário” ou apenas “gênero jornalístico” ocupou praticamente todo o nosso trabalho, revelando talvez um olhar desconfiado que nós, acadêmicos, temos com o “gênero jornalístico”.

Pudemos então verificar a importância, sobretudo histórica, de vários jornalistas e escritores, mas também a importância histórica da imprensa, do papel de jornal, velho e amassado, aquele mesmo que nos embrulha e que embrulhamos todos os dias, mas sempre suporte inicial da crônica e também meio que impulsionou a carreira de nossos principais escritores.

Vale, aqui, inserirmos um trecho da crônica da coletânea “O nariz e outras crônicas”, de Luís Fernando Veríssimo (1994), que num exercício de “metacrônica” instiga-nos a refletir sobre a própria natureza criativa da arte literária, que segue algumas “leis” próprias à sua espécie (gênero):

A discussão sobre o que é, exatamente, crônica é quase tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha. Se um texto é crônica, conto ou outra coisa interessa aos estudiosos da literatura, assim como se o que nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha interessa a zoólogos, geneticistas, historiadores e (suponho) o galo, mas não deve preocupar nem o produtor nem o consumidor. Nem a mim nem a você. Eu me coloco na posição de galinha. Sem piadas, por favor. Duvido que a galinha tenha uma teoria sobre o ovo, ou, na hora de botá-lo, tenha qualquer tipo de hesitação filosófica. Se tivesse, provavelmente não botaria o ovo. É da sua natureza botar ovos, ela jamais se pergunta “Meu Deus, o que eu estou fazendo?” Da mesma forma o escritor diante do papel em branco (ou, hoje em dia, da tela limpa do computador) não pode ficar se policiando para só “botar” textos que se enquadrem em alguma definição técnica de “crônica”. O que aparecer é crônica. Há uma diferença entre o cronista e a galinha, além das óbvias (a galinha é menor e mais nervosa). Por uma questão funcional, o ovo tem sempre o mesmo formato, coincidentemente oval. O cronista também precisa respeitar certas convenções e limites mas está livre para produzir seus ovos em qualquer formato. Nesta coleção existem textos que são contos, outros que são paródias, outros que são puros exercícios de estilo ou simples anedotas e até alguns que se submetem ao conceito acadêmico de crônica. Ao contrário da galinha, podemos decidir se o ovo do dia será listado, fosforescente ou quadrado. Você, que é consumidor do ovo e do texto, só tem que saboreá-lo e decidir se é bom ou ruim, não se é crônica ou não é. Os textos estão na mesa: fritos, estrelados, quentes, mexidos... Você só precisa de um bom apetite. (VERÍSSIMO, 1994, p. 3-4).

Para analisar essa “liberdade” dos cronistas, nos prendemos às crônicas de época que situaram historicamente o seu período, materializando o seu “tempo” na forma de costurar os novos estilos de linguagem, contornos figurativos, verdadeiros artesanatos de textos.

Localizamos na temática do futebol um espaço ideal para nos encontrarmos com a literatura neste trabalho. Praticamos, com recursos próprios limitados, a tarefa de desconstruir grandes textos, confeccionados, em conseqüência, por grandes escritores e, porque não afirmar, grandes cronistas literários de futebol. Além da figuratividade expressa e explícita desses textos, observamos as mais diversas formas de enunciação neles. Mais que isso, procuramos ver como os autores/narradores jogaram com as possibilidades que tinham enquanto produtores de discurso.

Assim, ficou mais claro observarmos como os textos derrubam a fronteira entre jornalismo e literatura, mesclando crônica e artigo, relato pessoal e análise jornalística, constituindo um caminho para o jornalismo literário. Pudemos notar a maneira diferenciada das crônicas de futebol utilizarem-se das figuras do “sentir e imaginar” como matérias-primas metafóricas no processo de humanização do texto.

Também o jogo da presença/ausência, ou seja, dos contrastes que os autores colocavam a todo o momento, foi uma característica marcante dessa rede figurativa/enunciativa.

Vimos, então, que mesmo que a crônica apresente algumas características que estejam em relação direta com episódios da vida do escritor, não se pode inferir disso, é claro, que tudo que componha o texto corresponda à verdade objetiva dos fatos. Mesmo porque essa “verdade” é vista pela ótica pessoal e subjetiva de quem escreve e que, portanto, constrói um discurso sobre a sua biografia. Dessa forma, fatos vivenciados metamorfoseiam-se em ficção, o que significa dizer que a realidade fornecerá os motivos e a ficção, por sua vez, será o resultado literário da transformação desses motivos.

É de se perguntar, neste momento, o que seria uma literatura menor e o que seria uma literatura maior. A crônica interessa-se pelo aspecto circunstancial da vida; e com certeza esses pequenos momentos do dia-a-dia também têm o seu encanto, importância e proporcionam prazer, satisfação da previsibilidade, da repetição, do reencontro com “realidades mínimas”, mas nunca monótonas.

O cronista se predispõe a captar esses pequenos sinais da vida cotidiana que diariamente deixamos escapar. Ou como nos diz Machado de Assis, em uma crônica publicada em 11/11/1897, na *Gazeta*:

Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. [...] Eu apertei os meus olhos para ver cousas miúdas, cousas que escapam ao maior número, cousas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam. (ASSIS, 1959 apud ANTONIO, 2006, p. 437-8).

Que fantástica metáfora machadiana para ajudar-nos a finalizar nossa costura: “Eu gosto é de catar o mínimo e o escondido. [...]”. Ora, é aí mesmo nessa “coisa” meio “míope”, que é a crônica de futebol, que encontramos a literatura. Acreditamos que muitos leitores a encontram, mesmo sem o saberem, aí também. Na “vida ao rés do chão”, como bem definiu Antônio Cândido (1992).

Por outro lado, pelo que pesquisamos, muito pouco se tem falado das crônicas literárias de futebol nas teses, dissertações de literatura e livros acadêmicos. Isto porque, talvez, esse gênero seja cercado do preconceito, da “falta de grandiosidade” do tema e, talvez, porque também nunca se tenha dado a importância legítima para o futebol no país do Futebol.

Levamos em conta que, no Brasil, o Futebol, ao lado da Política e da Religião, ocupa um lugar de destaque no imaginário popular. Razões para isso foram examinadas aos borbotões em nosso modesto trabalho.

Mas não nos limitamos às amarras do passado e lembramos, agora, que em 2014, o país vai sediar, pela segunda vez na história (a primeira foi em 1950), uma Copa do Mundo. Ter-se-á, então, a real possibilidade histórica de mais uma vez impulsionarmos não só o esporte como também o estilo dos textos das crônicas de futebol.

Portanto, consideramos este um momento ideal para lançar novos olhares sobre a crônica de futebol, uma vez que ela liga-se a hábitos ou a relações do mundo social, cuja tendência não é só sofrer mudanças ou desaparecer, mas também marcar historicamente uma época.

E para o leitor dessas crônicas, alguns textos são ainda capazes de oferecer reflexões pertinentes sobre a história e a cultura do período, e de sugerir comparações com os acontecimentos deste século, devido ao sentido humano e “humanizador” da crônica.

Mas insistimos na argumentação que vimos traçando desde o início: por que a literatura humaniza?

Pensamos, como sempre o frisamos, com recursos estéticos e até literários bastante limitados, que é porque situa e relaciona o leitor-ser humano com seu tempo, seu século, seu passado histórico e seu futuro previsto. Assim, a crônica de futebol leva o leitor/enunciário a um espaço/ tempo recriado a partir das instâncias de enunciação do autor/enunciador.

Por isso, nossa propositura foi a de pensar as possibilidades que têm alguns elementos da linguagem literária de produzir um discurso não-manipulativo, ou menos-manipulativo, mais subjetivante, que permitissem efeitos de sentido mais humanizantes.

Tarefa árdua para nós, inserir na moldura acadêmica nossas considerações colaborativas sobre a crônica de futebol. Como já o dissemos, figurou como pano de fundo da dissertação, a propositura de estar sempre com os olhos voltados para os textos da crônica esportiva de jornal, mas sem desvincular o livro.

Assim, pudemos observar que o conhecimento sobre a literatura tem sido veiculado com bastante evidência em outros meios contemporâneos e tem atingindo a população mais democraticamente.

Corroborando com nossa visão, Marcondes Filho estudioso da Comunicação e da Imprensa, em *O Capital da Notícia*, diz que

“[...] a história e a subjetividade individual implicam também transformar os relatos jornalísticos em transmissões humanizadas das notícias, em que entrem impressões, opiniões, transcrições, observações não elaboradas dos protagonistas dos fatos, sem que isso seja manipulado de forma piegas [...] Propkop tem, em relação a isso, uma hipótese: uma mudança de atitude e um melhoramento realmente qualitativo das instituições, do seu valor de uso específico, dar-se-á apenas quando for possível desenvolver, para cada instituição à qual a massa está ligada, alternativas qualitativas, dissolver o positivismo prático contido em todas as instituições; quando, por exemplo, se puder, a partir da crítica de forma existente, fragmentada pela maneira positivista de transmitir as notícias, garantir uma transmissão e um tratamento de notícias institucionalmente, que não ofereça ‘informações’ livres de valores abstratos, senão verdadeira história e subjetividade, que desenvolva e inclua, junto às expectativas, as necessidades, os interesses derivados dos seus contextos de vida; [...] quando for possível trabalhar os acontecimentos, as experiências, as necessidades e os interesses com os meios de produção avançados da cultura de massa de forma racional, segundo sua própria lógica. O modo autônomo de conhecimento das obras de arte autênticas iria encontrar, então, por meio disso, sua realização coletiva. (MARCONDES FILHO, 1986, p.150).

Não nos achamos em condições de explorar literariamente ainda outros meios que avançam céleres, sem parada, juntamente com o avanço do ser - humano. Mas nestas palavras finais citamos os meios digitais e sua convergência como espaço livre, interativo, colaborativo e porque não dizer, novamente, e cada vez mais, democrático.

Não são poucas as “vídeos-crônicas” da internet ou as “crônicas eletrônicas” na televisão, como a propalada coluna do cineasta Arnaldo Jabor na maior emissora de televisão comercial do país, a Tv Globo, e mesmo os exemplos diários no bom e velho rádio.

Com esse cenário em perspectiva, anotamos que, embora se deva preservar o livro como suporte canônico e ideal para a literatura, deve-se também aproveitar os demais suportes aqui evidenciados, sobretudo os jornais, para suprimos as demandas de conhecimento desse importante subgênero literário - a crônica de futebol - daqueles brasileiros não afeitos a uma leitura mais reflexiva.

Reforçamos a questão democrática, sobretudo em função da importância da preservação da nossa rica cultura e da nossa tradição como herança a ser legada aos nossos descendentes. Citando, como o fizemos no início, Cony (2003):

[...] antes de ser um leitor, o consumidor de jornal é um ser humano tornado carente pela solidão, pelo egoísmo (próprio e alheio), pelo nenhum sentido da

sociedade como um todo. Quando um cara tem coragem de gritar que está sofrendo, fatalmente encontra alguém que o compreende e, algumas vezes, o ame. Isso não dá apenas samba. Dá crônica também.

Por fim, o texto da crônica trata do mais sensível, do imaginário, como de resto, é o que trata toda a literatura. Dentro do universo esportivo, a Crônica de Futebol funciona como a materialização do real/acontecido/imaginado.

Assim, a partir da leitura do texto, constrói-se no leitor um sentido que, apesar de instantâneo, é também reflexivo e apaixonado. São sentidos típicos da literatura e da arte em geral, uma vez que têm o papel de fazer o recorte da realidade. Mas não o da realidade objetiva. E sim, um recorte de arte, pois que usa os elementos da literatura que descrevemos.

Deixamos, por mérito de justiça, as palavras finais deste trabalho na responsabilidade da pena de um cronista de futebol:

“Ninguém se importa com a bola. Entretanto, se não fosse a bola, não havia futebol!”
(Álvaro Moreyra, Futebol, 1930)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. Brasil-Argentina. In: PEDROSA, Milton. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p.182-184.
- _____. *Cartas a um jovem escritor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- ANTONIO, A. S. L. *Mosaicos da memória: estudo da crônica humorística de Luís Fernando Veríssimo*. 2006. 387f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras-Unesp, Araraquara, 2006.
- ARRIGUCI Jr., D. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- ASSIS, M. de. *A semana: 1892-1893*. Intr. e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.
- ASSIS, M. de. O nascimento da crônica: 1 nov. 1877 In: In: PAIXÃO, F. *Crônicas escolhidas de Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1994.
- BARBOSA. F. de A. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: J. Olympo, 1952.
- BARRETO, Lima. Heróis. In: PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Gol, 1967. p.61-62.
- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BENDER, F.; LAURITO, I. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BRAGA, R. O pavão. In: _____. *Ai de ti, Copacabana*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1960.
- CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: A CRÔNICA: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992. p.13-22.
- CIRINO, L. M. I. *Fonte luminosa: Ferroviária*. Campinas: Pontes Ed., 2006.
- CONY, C. H. *A crônica como gênero e como antijornalismo*. 04 fev. 2003. Disponível em: < <http://www.saa.com.br/quadro/ponto/cronica.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2003. Não paginado.
- DIAFÉRIA, L. Que Simpatia! *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p.10,21 jan. 1968.
- FERREIRA, A. B. de H. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11.ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.

GULLAR, F. Campeões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1958.

LIMA, E. P. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Unicamp, 1993.

LYRA FILHO, J. O Maracanã. IN: PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Gol, 1967.p.171-173.

MARCHEZAN, R. M. F. C. *A gramática fugaz: articulações de sentido na crônica contemporânea*. 1989. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1989.

MARCONDES FILHO, C. *O Capital da notícia*. São Paulo: Ática, 1986.

MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 1985.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. 14. ed. São Paulo . Cultrix, 1999.

MONTEIRO, L.; RANGEL, G. O queijo de Minas ou a história de um nó cego.

MORAES, V. de. O anjo de pernas tortas. In: PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Gol, 1967. p.124.

MYRA Y LOPEZ, E.; SILVA, A. R. da. Psicologia do torcedor: porque o futebol entusiasma tanta gente. In: PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Gol, 1967. p149.

MOREYRA, A. O dia nos olhos. In: PEDROSA, Milton. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

NOGUEIRA, A. Mexico 70. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, jun. 1970. Caderno Especial, p.5.

PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Gol, 1967.

PESSOA, C. A bola, a rede, o gol: o futebol está além da razão. *Caros Amigos*, São Paulo, ano 1, ed. 5, p.44, 1997.

RODRIGUES, Mário [Mario Filho]. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1964.

RONCARI, L. Sermão, folhetim e crônica: três gêneros fora do lugar. *Revista Ciência Hoje*, São Paulo,v.11, n. 65, p. 41-48, ago. 1990.

SÁ, J.de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SAGAN, Carl. Da flecha à bola. *Revista Super Interessante*, São Paulo, ano 2, n.8, p.58-62, 1988.

SALDANHA, João. O Olé nasceu no México .In: PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Gol, 1967. p.174-176.

SODRÉ, Nélson Weneck. História da literatura brasileira. 4..ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

VERÍSSIMO, F. *O nariz e outras crônicas*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BALDAN, U. Nos idos de 1954: as relações entre literatura e política. In: DEL VECCHIO, A.; TELAROLLI, S. *Literatura e política brasileira no século XX*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL-UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 238-241.

BELTRÃO, L. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____. *Dialética da colonização*. São Paulo. Cia Das Letras, 1992.

CAPARELLI, Sérgio. Imprensa alternativa. In: _____. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986.

CAPINASSÚ, J. M. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: IBRASA, 1988.

CAPRARO, A. M. O gênero crônica e o esporte futebol: elementos de uma cultura genuinamente brasileira. In: SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. *Anais eletrônicos...*Londrina: UEL, 2005. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/>>. Acesso em: 21 abr. 2005.

CHINEM, R. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.

DIAFÉRIA, L. *A gata desaparecida*. In: BENDER, F.; LAURITO, I. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993, p. 10.

DÍAZ BORDENAVE, J. E. Comunicação e participação. In: _____. *Além dos meios e mensagens*. 7. ed. Petrópolis. Vozes, 1995.

ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FERNANDÉZ, M. do C. L. de. *O Futebol, fenômeno lingüístico*. Rio de Janeiro: PUC, 1974.

FIORIN, J. L. O éthos do enunciador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. *Razões e sensibilidade: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL-UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004. p.117-138.

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Elementos e análise de discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.

FLOCH, J.-M. *Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas: alguns conceitos fundamentais em Semiótica Geral*. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001. v.1.

- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Tradução de F.C. Martins. Lisboa: Veja, [19--].
- GREIMAS, A. J.; COUTÉRS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: EDUSP, 1971. (Coleção Estudos, 4).
- KUCINSKI, B. Panorama da imprensa alternativa no Brasil. In: _____. *Jornalistas e revolucionários*. São Paulo: Scritta, 1991.
- LOPES, I. C.; HERNANDES, N. (Org.). *Semiótica: objetos e práticas* São Paulo: Contexto, 2005.
- MARCONDES FILHO, C. *Jornalismo fin-de-siécle*. São Paulo: Summus, 1993.
- MEDINA, C. Namoros com a literatura. In: _____. *Notícia, um produto a venda? jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.
- _____. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- NUNES, B. *O tempo na narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- OLIVEIRA, C.; LANDOWKI, E. *Do inteligível ao sensível*. São Paulo: EDUC, 1995.
- ORTIZ, R. Do popular-nacional ao internacional popular. In: _____. *A moderna tradição brasileira*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PROENÇA, I. C. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. *Dicionário da comunicação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- REGO, J. L. Dos engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rego. In: CHALHOUD, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. A. de M. (Org.). *História em cousas miúdas: capítulos da história social da crônica no Brasil*. – Campinas, Ed. Unicamp, 2005.
- SILVA, I. A. (Org.). *Corpo e sentido*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.
- THAMOS, M. Figuratividade na poesia. *Itinerários*, Araraquara, p.101-118, 2003. Número especial.

ANEXO A

Mario de Andrade Brasil Argentina

Na véspera, o meu amigo uruguaio confessou que viera torcer pelos argentinos. Arroubadamente, com excesso de boa-educação, fui afirmando logo que isso não fazia mal, que diabo! etc... Ficou desagradável foi quando ele se imaginou no direito de explicar porque torcia pelos argentinos:

_ Você compreende, amigo, nós, uruguaio, temos muito mais afinidade com os argentinos, apesar de já termos feito parte do Brasil. Até por isso mesmo!... Por mais que se explique historicamente o que levou um tempo o Uruguai a participar do Brasil, nós não sentimos (repare que emprego o verbo "sentir"), não sentimos a coisa como se tivéssemos participado do Brasil, e sim como tendo pertencido a ele. A modos de colônia... E isso, por mais esforços que a gente faça, irrita bem. Quanto a afinidade com os argentinos, há muitas... muitas...

Aqui meu amigo uruguaio parou de sopetão. Percebi que não queria me machucar. Mas nesse terreno de boa-educação ninguém ganha de brasileiro, não insisti. Não ousei dar uma liçãozinha de humanidade no meu hóspede, falando na minha simpatia igual por argentinos, turcos e australianos, e outras invencionices maliciosas. Me preocupei apenas em disfarçar a ansiedade que me enforcava por causa do jogo.

No campo me acalmei com segurança. Estávamos em pleno domínio do "nacioná", com algumas bandeiras argentinas por delicadeza. Mas na verdade, por causa daquele jogo, estávamos todos odiando os argentinos e a Argentina ali. E dizem que futebol estreita relações, estreita nada! Brilhavam na certeza da vitória. Desconfio que em casa ou ilhados nos bondes, também tinham sentido a mesma inquietação que eu disfarçava, mas a unanimidade é um estupefaciente como qualquer outro. De forma que nem bem cada brasileiro se arranjava em seu lugar, olhava em torno, tudo era nacional! E a certeza vinha: vamos ganhar na maciota.

E foi nessa atmosfera de vitória que brincipiou o famoso jogo Brasil – Argentina, de que certamente não tiraremos nenhuma mora. Os nacionais escolheram o lado pior do campo, com uma ventania dos diabos contra, varrendo tudo, calor, bola e argentino contra o nosso gol. Principiou o jogo. Os argentinos pegaram com os pés na bla e ... Mas positivamente não estou aqui para descrever jogo de futebol. Só quero é comentar. Ora o que é que se via desde aquele início? O que se viu, se me permitirem a imagem, foi assim como uma raspadeira mecânica, perfeitamente azeitada, avançando para o lado de onze beija-flores. Fiquei horrorizado. Procurei disfarçar, vendo se lembrava a que família da História Natural pertencem os beija-blôres, não consegui! Nem sequer conseguia me lembrar de alguma citação latina que me consolasse filosoficamente! Enquanto isso, a raspadeira elétrica ia assustando quanto beija-flor topava no caminho e juque! Fazia um gol. Era doloroso, rapazes.

Mas era também admirável. Quem já terá visto uma força surda, feia mas provinda duma vontade organizada, que não hesita mais, e ditante de um trabalho começado

não há transtorno político, financeiro, o diabo! Que faça parar!.... Eram assim os argentinos, naquela tarde filosófica. Não que eles alardeassem professores de ordem, de energia ou de coisíssima nenhuma. Se alguém deseja saber exatamente o que eu senti, eu senti a Grécia, a Grécia arcaica, no tempo em que se fazia a futura grande Grécia. Dezenas de tribus diferentes se organizando, se entrosando, recebendo mil e uma influências estranhas, mas aceitando dos outros apenas o que era realmente assimilável e imediatamente conformado o elemento importado em fibra nacional. Quem quiser me compreender, compreenda, mas no fim do quarto gol eu tinha me naturalizado argentino, e estava francamente torcendo pra que ... nós fizéssemos pelos menos trinta gols. Mas logo bem brasileiroamente desanimei, lembrando que seria inútil uma lavada exemplar. Não serviria de exemplo nem de lição a ninguém. Ao menos meu amigo uruguaio foi generoso comigo, não teve o menor esto de piedade. Comentava navalhantemente:

- Era natural que vocês perdessemOs brasileiros “almejavam” vencer, mas os argentinos “quiseram” vencer, e uma coisa é almejar, outra é querer. Vocês ... é um eterno iludir-se sem fazer o menor gesto para ao menos se aproximar da ilusão. Sim, os argentinos escalaram o quadro e este se preparou para o jogo; mas o que a gente percebe é que, na verdade, há trinta anos que os argentinos vêm se preparando para o jogo das suas iniciativas ou tendências em norma cotidiana de viver. Vocês? nem isso Os argentinos, desculpe lhe dizer com franqueza, mas os argentinos são tradicionais.

Eu é que já estava longe, me refugiando na arte. Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol! Asiaticamente, cheguei até a desejar que os beija-flores sempre continuassem assim como estavam naquele campo, desorganizados mas brilhantíssimos, para que pudessem eternamente se repetir, para gozo dos meus olhos, aqueles hugoanos contrastes. Era Minerva dando palmada em Dionísio adolescente e já completamente embriagado. Mas que razões admiráveis Dionísio inventava para justificar sua bebedice, ninguém pode imaginar! Que saltos, que corridas elásticas! Havia umas raspadeiras sutis uns jeitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aqueles volteios rapidíssimos, uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas! E até o fim, não parou um segundo de prometer Minerva porém ia chegando com jeito, com uma seguranã infalível, baça, vulgar, sem oratória nem lirismo, e juque! Fazia gol.

ANEXO B

Ferreira Gullar Campeões

Não sei quem terá escapado à atmosfera de alegria e pânico em que o Rio mergulhou nestas últimas semanas com os últimos jogos da Copa do Mundo. Sem saber como nem porque, vi-me de repente de ouvido grudado ao rádio, submetido a uma tortura diabólica: era como se cargas de eletricidade (ou o que fosse) me entrassem pelo ouvido numa frequência poderosa e instável que ora me fazia suar frio ora estremecer de expectativa e apreensão.

Vejo-me agora, de longe. Prometeu doméstico com um abutre a me devorar pelo ouvido. Eu mesmo ligara o aparelho de tontura, eu mesmo cuidava dele regulando cuidadosamente o volume e a clareza do som, e se qualquer coisa interceptava a transmissão e de deixava livre por um segundo, tinha ímpetos de arrebenatar o rádio, porque eu queria ser torturado! Vivia o drama de quase 60 milhões de expectativa e apreensão. Vejo-me agora, de longe. Prometeu do Brasil.

Confesso que há muitos anos o futebol deixara de me interessar. A derrota de 1950 no Maracanã – que me atingiu com a mesma força na distante São Luís do Maranhão – tornou-me um descrente do nosso futebol. Em 1954, ouviu por acaso alguns jogos, e a Hungria confirmou meu pessimismo. Por isso segui, entre aterrorizado e comovido, o desenrolar das partidas do selecionado brasileiro neste campeonato de 58. A qualquer hora – pensava – uma França ou uma Suécia dessas acaba com nossa alegria. E quanto mais perto chegávamos do título máximo, maior era o medo da derrota. Mas quando me sentei para ouvir o jogo de domingo, já não me permitia pensar assim; tinha a impressão de que, se perdêssemos aquele jogo, haveria suicídios coletivos, o Palácio da Alvorada daria um estalo e cairia em pedaços, o rio sumiria engolido pela Guanabara.

Querendo crer na vitória liguei o rádio e já a Suécia abria a contagem! Esfriei. A tragédia esboçava...

É por isso que ainda não consigo acreditar mesmo que somos os campeões do Mundo, que Vavá empatou e desempatou, que o garoto Pelé fez o diabo com os louros suecos. Desculpe-me o Armando Nogueira se falo com tanta intimidade dessa gente que é sua, do fabuloso Garrincha, que confirmou sua tese. Enfim, que me perdoem os rapazes da imprensa esportiva, os fãs desvairados do futebol, mais merecedores do que eu dessa vitória espetacular: devemos também a eles um domingo de felicidade nacional e a euforia com que todos acordaram esta semana para recomeçar a vida. A cidade hoje vai parar para abraçar os seus heróis.

Viva o Brasil do Rei Pelé.

ANEXO C

Mira y Lopez e Athayde Ribeiro da Silva Psicologia do torcedor

Não há dúvida de que entre todos os esportes o futebol é o mais difundido, o que maior número de adeptos tem no mundo e o que mais é capaz de excitar uma multidão, em qualquer lugar da Terra. Seja qual for a idade, posição econômica, profissão, credo ou nível cultural do indivíduo que vai assistir a uma competição futebolística, tão logo o jogo se inicia, ele se sente empolgado pelas suas incidências e vai se transformar num torcedor, mais ou menos apaixonado, desta ou daquela equipe. Inclusive existem outros esportes à base de movimentações de bola (beisebol, basquetebol, tênis, voleibol, etc.) que podem oferecer jogadas de maior beleza e combinações de maior complexidade, passíveis de entusiasmar determinados povos ou públicos, porém nenhum deles possui o caráter de universalidade do futebol. Agora temos que nos perguntar por que. Qual a razão de tamanho sucesso, capaz de inclusive de transpor as mais pesadas barreiras político-sociais?

Sem dúvida alguma, para o que o futebol goze dessa “universalidade” e seja capaz de empolgar tão intensamente a gregos e troianos, isto é, analfabetos e Prêmios Nobel, a artistas e cientistas, a homens e mulheres, a velhos e crianças, a ricos e pobres, a brancos e negros, crentes e apóstatas, é necessário que a execução desperte, excite e satisfaça tendências muito profundamente arraigadas no chamado “gênero humano” (na realidade não é gênero e sim, apenas, espécie).

Por outro lado, é certo que durante muitos séculos não se praticou em nenhuma parte e que precisamos remontar quase à Pré-História para descobrir que na América Central (Iucatã) as ruínas dum Estádio em que, segundo afirmam os antropólogos, se realizava um jogo extremamente similar entre dois times. A “pelota” que precisava ser colocada em jogo era ... a cabeça do capitão da equipe que havia perdido o jogo anterior! Ocorrenos imediatamente perguntar: haverá alguma semelhança – pelo menos simbólica entre a luta futebolística e a luta pelo triunfo da vida? Sem dúvida cabe responder afirmativamente, pois cada espectador se identifica com um time e quando um jogador desse time consegue meter as bolas nas redes, ou seja, quando alcança seu objetivo (recorde-se que em inglês a palavra “goal” significa precisamente isso: “meta”, “objetivo” ou “propósito”) esse espectador experimenta a mesma satisfação que se houvesse alcançado alguma das suas finalidades ou propósitos na vida. Quanto maior a resistência do adversário, quanto mais difícil se torna colocar a bola nas redes, tanto mais cada espectador goza com a façanha (ou sofre com a mesma, se houver sido realizada pelo time adversário). De tal maneira pode identificar-se com a competição um espectador qualquer que se têm dado casos de morte (cada ano são mencionados pela imprensa esportiva) pelo impacto emocional dum jogada feliz ou adversa. Inclusive também se tem produzido o suicídio dum espectador por ter perdido o jogo seu time predileto.

Com certa lógica o leitor poderá argumentar que, se se tratasse de descarregar apenas os sentimentos agressivos e satisfazer os desejos de triunfo sobre os adversários, a popularidade máxima deveria caber aos esportes em que a luta se estabelece diretamente entre os competidores: boxe, luta greco romana, luta livre, etc. E isso absolutamente não ocorre.

Mas é que para o homem de nosso século o prazer não consiste tanto em ao chão ou anular “um” detreminado adversário como em vencer as resistências que se opõem a seus desejos de alcançar tais ou quais objetivos. Em tal caso é óbvio que as incidências do jogo de futebol, com a bola passando continuamente de um a outro campo e sendo constantemente disputada durante os 90 minutos, oferecem muito mais ocasiões de vibração emocional, de identificação e de projeção de sentimentos e aspirações individuais. Por isso, quaisquer que sejam os objetivos vitais de cada espectador, este dificilmente permanece neutro ou indiferente e logo deixa de ser mero “expectador” para converter-se em um “ator” que, apesar de estar fora de campo, participa da luta com atenção, intenção e tensão semelhantes (ou mesmo mais intensas) do que as que existem nos próprios jogadores.

Contudo, se no que diz respeito à “receptividade” não há quase diferença entre o público, essa diferenças existem quando se trata de apreciar a “reatividade” desse público ante a derrota do time preferido ou as falhas de algum jogador ou árbitro da partida. Bem se pode afirmar que os psicólogos interessados nos estudos “transculturais” – comprativos das características coletivas dos diversos povos – deveriam estar sempre presentes às competições de futebol, pois durante elas poderiam colher dados muito mais válidos e importantes do que aqueles que pacientemente buscam em suas consultas bibliográficas, em seus questionários e “sondagens” de opinião, ou em seus estudos de casos. Levando consigo fitas gravadoras seria fácil a tais especialistas registrar os “palavrões” em que o público das diversas regiões terráqueas reage perante as diversas situações de frustração no decorrer do “match”. A câmara cinematográfica permitiria comparar esse material sincronizado com as cenas que o motivaram.

Além disso, ainda seria também possível a filmagem, excepcional, das brigas, agressões físicas e outras mostras de conduta anti-social que se verificam em bastante competições futebolísticas.

Feito isso, poder-se-iam estudar as percentagens desse material em relação à idade, nível cultural, nível econômico, “status” social, religião, etc. de seus autores. Finalmente, estabelecer-se-ia uma comparação estatística por zonas, regiões ou países. Estamos certos de que os resultados surpreenderiam a muitos dos próprios pesquisadores fazendo-os duvidar de muitas de suas atuais concepções. De fato, estas acham-se mais baseadas em preconceitos pseudocientíficos ou em resultados com experiências de laboratório e amostras pouco representativas do que em registros imparciais, autênticos e suficientemente extensos da conduta social coletiva.

ANEXO D

Carl Sagan Da Flecha à Bola

A cena se repete a cada outono nos Estados Unidos: nas tardes de domingo assim como nas noites de segunda-feira, abandonamos tudo que estamos fazendo para olhar as pequenas imagens de 22 homens em movimento precipitando-se uns sobre os outros, caindo, erguendo-se e chutando um objeto alongado feito da pele de um animal. De vez em quando, tanto os jogadores quanto os espectadores passivos são levados à exaltação ou ao desespero pelo desenvolvimento do jogo. Por todo o país, hipnotizados diante das telas de vidro, pessoas (na maioria homens) gritam e resmungam em coro. Dito assim, parece um comportamento estúpido, mas quando você pega o jeito é difícil resistire eu falo por experiência própria.

Atletas correm, pulam, batem, escorregam e é emocionante vê-los fazer tudo isso com tanta habilidade. Eles se atacam no solo. São precisos ao golpear ou arremessar um objeto marrom ou branco em rápido movimento. Em alguns jogos, tentam conduzir a coisa em direção ao que se convencionou chamar "meta". Em outros, os jogadores fogem e depois voltam à "base". Quase tudo é trabalho em equipe e é admirável como as partes se encaixam formando um conjunto magnífico. Mas não são essas as habilidades que a maioria de nós usa para ganhar o pão de cada dia. Então, por que nos sentimos compelidos a ver pessoas correndo ou golpeando? Por que essa necessidade existe em todas as culturas? (Antigos egípcios, persas, gregos, romanos, maias e astecas também jogavam bola; o pólo é tibetano).

Alguns astros do esporte ganham por ano dez vezes mais que o presidente dos Estados Unidos. Depois de aposentados, ainda são eleitos para altos cargos. Em suma, são heróis nacionais. Mas por que isso acontece? Existe aí alguma coisa que está acima da diversidade dos sistemas políticos, sociais e econômicos. É um apelo que vem de muito longe. A maioria dos principais esportes é associada a uma nação ou cidade e contém elementos de patriotismo e orgulho cívico. Nosso time nos representa nosso lugar, nossa gente contra aqueles outros caras vindos de algum lugar diferente, povoado por pessoas estranhas, talvez hostis. (Na verdade, a maioria dos "nossos" jogadores não é realmente daqui. São mercenários que freqüentemente se transferem de alma limpa para cidades adversárias em troca de uma paga adequada. Às vezes um time inteiro muda de cidade.)

Competições esportivas são confrontos simbólicos mal disfarçados. Essa não é exatamente uma idéia nova. Os índios Cherokee, por exemplo, chamavam sua antiga forma de jogar lacrosse (uma espécie de hóquei) de "o irmãozinho da guerra". Max Rafferty, antigo superintendente de Instrução Pública da Califórnia, depois de xingar os críticos do futebol universitário de "vagabundos, comunas, beatnicks cabeludos", proclamava: "Futebol é guerra sem mortes. Os jogadores possuem um brilhante espírito combativo que traduz o próprio espírito da América". (Isso até que merece uma reflexão) Já o falecido treinador Vince Lombardi sempre dizia que a única coisa que importa é vencer. E George Allen, ex-treinador dos Redskins (time de futebol americano) de Washington não deixava por menos: "Perder é como morrer".

De fato, falamos em ganhar ou perder uma guerra com a mesma naturalidade com que falamos em ganhar ou perder um jogo. Num comercial de recrutamento do Exército americano, feito para a TV, um tanque de guerra destrói outro numa manobra de blindados. Ao final do exercício, o comandante vitorioso diz: "Quando vencemos, todo o time vence, o tanque inteiro vence não uma só pessoa". Isso torna muito clara a relação entre esporte e combate. Fãs (abreviatura de fanáticos) do esporte agridem, espancam, às vezes até matam, atormentados pela derrota de seu time, ou quando são impedidos de comemorar uma vitória, ou ainda quando se sentem injustiçados pelos juízes.

Em 1985, a primeira-ministra britânica se viu obrigada a denunciar o comportamento brutal de embriagados torcedores ingleses que, num jogo em Bruxelas, na Bélgica, atacaram um grupo de italianos pelo simples fato de eles torcerem pelo seu próprio time. Dezenas de pessoas morreram quando as arquibancadas despencaram. Em 1969, após três disputadas partidas de futebol, tanques de El Salvador cruzaram a fronteira de Honduras, enquanto bombardeiros salvadorenhos atacavam portos e bases militares hondurenhas. Essa "guerra do futebol" fez milhares de vítimas. Tribos afegãs, no passado, jogavam pólo com as cabeças decepadas de antigos adversários. E há seiscentos anos, onde hoje é a Cidade do México, havia um campo de jogos onde nobres suntuosamente vestidos assistiam a competições entre times uniformizados. O capitão da equipe perdedora era decapitado e seu crânio colocado numa prateleira, ao lado dos de outros companheiros de desgraça um incentivo possivelmente mais estimulante que a própria vitória.

Vamos supor que, como quem não quer nada, você está mexendo no seletor de canais da TV e sintoniza um jogo que não lhe diz nada de especial por exemplo, um amistoso de vôlei entre a Birmânia e a Tailândia. Como você decide por qual time torcer? Mas espere um pouco: por que torcer por qualquer deles? Por que simplesmente não apreciar a partida? Muitos de nós não conseguimos manter essa atitude imparcial. Queremos participar da disputa, nos sentirmos membros de um time. Esse sentimento nos domina e quando menos percebemos lá estamos nós: "Vai, Birmânia".

No começo, nossa lealdade pode oscilar fazendo-nos incentivar primeiro um time, depois outro. Às vezes torcemos pelo mais fraco. Outras vezes, vergonhosamente, viramos bandeira: do perdedor para o - ganhador, quando o placar já parece definido. (Quando um time sofre sucessivas derrotas numa temporada, a lealdade de alguns de seus torcedores pode balançar.) O que buscamos é vitória sem esforço. Queremos ser arrebatados por algo como uma pequena, segura e vitoriosa guerra.

O mais antigo evento atlético organizado de que se tem notícia remonta à Grécia pré-clássica, há 3 500 anos. Durante aqueles primeiros Jogos Olímpicos, uma trégua suspendia todas as guerras entre as cidades-estado gregas. Os jogos eram mais importantes que as batalhas. Nessas competições os homens participavam nus e não era permitida a entrada de mulheres na platéia. Por volta do século VIII a.C., as Olimpíadas consistiam em corridas (muitas modalidades), saltos, arremesso de objetos (inclusive dardos) e lutas (às vezes até a morte). Embora nenhuma dessas competições fosse praticada em equipe, elas foram fundamentais para o desenvolvimento dos modernos esportes coletivos e também para a caça esportiva.

A caça é tradicionalmente considerada um esporte, quando não se come o que se captura uma condição muito mais fácil de ser cumprida pelos ricos do que pelos pobres. Desde os primeiros faraós, a caça esteve associada à aristocracia militar. O aforismo do

escritor Oscar Wilde sobre a caça à raposa na Inglaterra"o indizível em busca do incomível" alusão ao elitismo dessa prática. Já os precursores do futebol, hóquei e esportes afins eram chamados "jogos do populacho", reconhecidos como substitutos da caça, que não podia ser praticada por jovens que precisavam trabalhar para viver.

Então talvez os jogos de equipe não sejam apenas ecos estilizados das antigas guerras; talvez eles também satisfaçam um desejo quase esquecido de caçar. Mas, se nossa paixão pelo esporte é tão profunda e tão difundida, é possível que esteja arraigada em nós não em nosso cérebro, mas em nossos genes. Os 10 mil anos decorridos da invenção da agricultura não são tempo suficiente para que tais predisposições tenham evoluído. Se quisermos entendê-las, precisamos retroceder ainda mais. A espécie humana tem centenas de milhares de anos. No entanto, somente nos últimos 3 por cento desse período, que engloba toda a nossa história, levamos uma existência sedentária, baseada no cultivo do solo e na criação de animais. Nos primeiros 97 por cento de nossa estada na Terra, adquirimos tudo o que é caracteristicamente humano. Podemos aprender algo sobre esses tempos com as raras comunidades caçadoras / coletoras ainda não corrompidas pela civilização.

Perambulamos com nossos filhos e nossos pertences nas costas, seguindo a caça e buscando fontes de água. Acampamos por um tempo, logo prosseguimos a marcha. Para proporcionar alimento ao grupo, os homens passam a maior parte do tempo caçando, enquanto as mulheres colhem. Um típico bando itinerante, uma família extensa composta de parentes e consangüíneos, soma algumas dúzias de indivíduos embora centenas de nós, com a mesma língua e cultura, nos reunamos anualmente para cerimônias religiosas; trocas, casamentos, narrações de histórias. E muitas são as histórias de caça.

Estou me detendo principalmente nos caçadores, que são homens. Mas as mulheres têm um significativo poder social, econômico e cultural. Elas coletam os alimentos essenciais nozes, frutos, tubérculos, raízes, assim como ervas medicinais, além de caçarem pequenos animais e informarem os homens dos movimentos dos grandes animais. Os homens também se dedicam à coleta e a uma parte considerável dos afazeres domésticos (embora não tenham casas). Mas caçar apenas para comer, nunca por esporte é a mais duradoura ocupação de qualquer homem que se preze.

Os meninos aprendem a abater pássaros e pequenos mamíferos com arcos e flechas. Adultos, sabem perfeitamente como fabricar armas, espreitar a presa, matá-la e cortá-la em pedaços que serão levados ao acampamento. Quando capturam o primeiro grande mamífero, passam a ser considerados adultos. Na cerimônia de iniciação, incisões rituais são feitas no seu peito ou nos braços; depois, uma erva é esfregada nos cortes, de modo que a cicatriz forme uma tatuagem. Esta significará uma espécie de condecoração; bastará um olhar para que se conheça a experiência de combate de cada um.

A integração com a natureza é tanta que, das muitas pegadas deixadas por um bando de animais, podemos dizer com certeza quantos são, distinguir as espécies, os machos e as fêmeas e até descobrir se algum era manco ou há quanto tempo passaram. Alguns filhotes podem ser capturados por meio de armadilhas espalhadas pelo campo; outros, com estilingues e bumerangues ou apenas com pedras jogadas com força e precisão. O homem pode aproximar-se e matar a golpes de borduna os animais que ainda não aprenderam a temê-lo. Para agarrar presas mais espertas, que se mantêm distantes,

arremessamos lanças ou flechas envenenadas. Às vezes temos sorte e encurralamos um bando inteiro à beira de um penhasco.

O trabalho em equipe entre os caçadores é fundamental. Se não quisermos espantar a caça, devemos nos comunicar por mímica. Pelo mesmo motivo, devemos controlar nossas emoções tanto o medo como o júbilo são perigosos. Somos ambivalentes em relação aos animais. Nós os respeitamos, reconhecemos que eles e nós temos algum parentesco, chegamos até a nos identificar com eles. Mas, se paramos para pensar na sua inteligência, no cuidado com que tratam os filhotes, se sentimos pena deles, a caça vai ser prejudicada; vamos trazer menos comida para casa e novamente nosso bando vai ficar em perigo. Ou seja, precisamos manter uma distância emocional entre nós e eles.

Por 1 milhão de anos nossos ancestrais masculinos correram de cá para lá, atirando pedras em pássaros, perseguindo filhotes de antílopes, derrubando-os no chão e, aos gritos, aterrorizando bandos de animais selvagens. Suas vidas dependiam da habilidade na caça e do trabalho em equipe; não só eram bons caçadores como bons guerreiros. Então, depois de muito tempodigamos, alguns milhares de séculos, uma predisposição natural para caçar e trabalhar em equipe estará incorporada em muitos recém-nascidos. Por quê? Porque os caçadores incompetentes ou frouxos tendem a deixar menos descendentes. Não estou querendo dizer com isso que nossa herança contém informações do tipo como confeccionar uma ponta de lança afiada a partir de um pedaço de pedra ou como emplumar uma flecha: essas coisas são ensinadas ou deduzidas. Mas o prazer de caçar, isso eu aposto que está arraigado.

A seleção natural ajudou a moldar nossos ancestrais como soberbos caçadores. A evidência mais clara do sucesso do estilo de vida caçador / coletor é o simples fato de ter-se propagado por cinco continentes e durado 1 milhão de anos. Após 40 mil gerações, em que a matança de animais era nossa defesa contra a inanição, tais inclinações ainda devem estar conosco. Ansiamos por extravasá-las. Os esportes de equipe nos proporcionam essa possibilidade. Uma parte de nós sonha fazer parte de um pequeno bando de semelhantes em busca de uma intrépida, ousada conquista. As tradicionais virtudes masculinasseriedade, inventividade, modéstia, coerência, conhecimento profundo dos animais, amor pela vida ao ar livre eram todos comportamentos adaptativos na época da caça / coleta. Até hoje admiramos essas características, embora quase tenhamos esquecido por quê.

Além dos esportes, há poucas válvulas de escape disponíveis. Podemos reconhecer nos adolescentes o jovem caçador, o aspirante a guerreiro, saltando pelos telhados, dirigindo motocicletas sem capacete, arranjando encrencas para o time vencedor na celebração depois do jogo. Se esses ímpetos não forem submetidos a alguma forma de controle, podem se transformar em algo mais grave (embora nossos índices de homicídios sejam equivalentes aos dos !Kung, uma tribo do sul da África). Tentamos assegurar que esse gosto ritual pelo ato de matar não se volte contra os humanos. Nem sempre conseguimos.

Ao pensar como são poderosos esses instintos de caçador, fico preocupado. Temo que o futebol de segunda-feira à noite seja uma saída insuficiente para esses modernos caçadores / coletores, enfiados em seus macacões, aventais, uniformes ou ternos. Penso naquele antigo legado de não expressarmos nossos sentimentos e mantermos distância daqueles que matamose isso tira um pouco do prazer do jogo. Os caçadores /

coletores geralmente não apresentavam perigo para si mesmos: primeiro, porque sua economia era relativamente saudável (muitos tinham mais tempo livre do que nós); segundo, porque, como nômades, tinham poucas posses, quase nenhum roubo e pouca inveja; porque, também, a arrogância e a cobiça não eram apenas considerados males sociais mas ainda; algo muito próximo a uma doença mental; porque as mulheres tinham poder político real e tendiam a exercer influência estabilizadora antes que os garotos se lançassem a suas flechas envenenadas; e porque, enfim, quando sérios crimes eram cometidos assassínios, por exemplo bando em conjunto passava a sentença e o castigo.

Os caçadores / coletores organizavam democracias igualitárias. Eles não tinham chefes nem hierarquias políticas ou empresariais que valessem a pena galgar. Não havia contra quem se revoltar. Assim, se estamos enalhados a algumas centenas de séculos de quando deveríamos estar, seembora não por falha nossanos encontramos na era das armas nucleares, com emoções do Plistoceno mas sem as salvaguardas sociais do Plistoceno , talvez possamos ser desculpados pelo futebol das segunda - à noite.

ANEXO E

Olé nasceu no México **João Saldanha**

O Estádio Universitário ficou à cunha. Cem mil pessoas comprimidas para assistir ao jogo. É muito alegre um jogo no México. É o país em que a torcida mais se parece com a do Rio de Janeiro. Barulhenta, participa de todos os lances da partida, Vários grupos de “mariaches” comparecem. Estes grupos, que formam o que há de mais típico da música mexicana, são constituídos de um ou dois “pistões” e clarins, dois ou três violões, harpa (parecida com a das guaranias), violinos e marimbas. As marimbas são completamente de madeira, mas não vão ao campo de futebol, sendo substituídas por instrumentos pequenos. O ponto alto dos “mariaches” é a turma do pistão, do clarim e o coro, naturalmente. No campo de futebol, os grupos amadores de “mariaches” que comparecem ficam mais ativos em dois momentos distintos: ou quando o jogo está muito bom e eles se entusiasmam, ou, inversamente, quando o jogo está chato e eles se “atacam” músicas em tom gozador. No jogo em que vencemos ao Toluca, que estava no segundo caso, os “mariaches” salvaram o espetáculo.

O time do River era, realmente, uma máquina. Futebol bonito e um entendimento que só um time que joga junto há três anos pode ter. modestamente, jogamos trancados. A prudência mandava que isto fosse feito. De fato, se “abrissemos”, tomaríamos um baile. Foi um jogo de rara beleza. E não foi por acaso. De um lado estavam Rossi, Labru^{na}, Vairo, Menéndez, Zarate, Carrizo De outro, estavam didi, Nilton Santos, Garrincha etc. Jogo duro e jogo limpo. Não se tratava de camaradagem adquirida em quase um mês no mesmo hotel, mas sim da preença de gandes craques no gramado. A torcida exultava e os “mariaches” atacavam entusiasmados.

Estava muito difícil fazer gol. Poucas vezes vi um jogo disputado com tanta seriedade e respeito mútuos. Mas houve um espetáculo à parte. Mané Garrincha foi o comandante. Dirigiu os cem mil espectadores, fazendo reagirem à medida de suas jogadas. Foi ali, naquele dia, que surgiu a gíria do “Olé”, tão comumente utilizada posteriormente em nossos campos. Não porque o Botafogo tivesse dado “Olé” no River. Não. Foi um “Olé” pessoal. De Garrincha em Vairo.

Nunca assisti a coisa igual. Só a torcida mexicana com seu traquejo de touradas poderia, de forma tão sincronizada e perfeita, dar um “Olé” daquele tamanho. Toda vez que Mané parava na frente de Vairo, os espectadores mantinham-se no mais profundo silêncio. Quando Mané dava aquele seu famoso drible e deixava Vairo no chão, um coro de cem mil pessoas exclama: “Ôôôô-lé!”. O som do “olé” mexicano é diferente do nosso. O deles é o típico das touradas. Começa com um ô prolongado em tom bem grave, parecendo um vento forte, em crescendo, e termina com a sílaba “lê” dita de forma rápida. Aqui é ao contrário: acentua-se mais o final “Lê”: “Olééé!” – sem separar, com nitidez, as sílabas em tom aberto.

Verdadeira festa. Num dos momentos em que Vairo estava parado em frente a Garrincha, um dos clarins dos “mariaches” atacou aquele trecho da Carmem que é tocado na abertura das touradas. Quase veio abaixo o estádio Universitário.

Numa jogada de Garrincha, Quarentinha completou com o gol vazio e fez o nosso. O River reagiu e também fez o dele. Didi ainda fez outro, de fora da área, numa jogada que viera de um córner, mas o juiz anulou porque Pedro Valentim estava junto à baliza. Embora a bola tivesse entrado do outro lado, o árbitro considerou a posição de Paulinho ilegal. De fato, Paulinho estava “off-side”. Havia um bolo de jogadores na área, mas o árbitro estava bem ali. E Paulinho poderia estar distaindo a atenção de Carrizo. O jogo terminou empatado. Vairo não foi até o fim. Minella tirou-o de campo, bem perto de nós no banco vizinho. Vairo saiu rindo e exclamando: “No hay nada que hacer. Imposible” – e dirigindo-se ao suplente que entrava, gozou:

- Buena suerte muchacho. Pero antes, te aconsejo que escribas algo a tu mamá.

O jogo terminou empatado e a multidão invadiu o campo. O “Jarrito de Oro”, que só seria entregue ao “melhor do campo” no dia seguinte, depois de uma votação no Café Tupinambá, foi entregue ali mesmo a Garrincha. Os torcedores agarraram-no e deram uma volta olímpica carregando Mane nos ombros. Sob ensurdecadora ovação da torcida. No dia seguinte, os jornais acharam que tínhamos vencido o jogo, considerando o tal gol como válido. Mas só dedicaram a isto poucas linhas. O resto das reportagens e crônicas foi sobre Garrincha.

As agências telegráficas enviaram longas mensagens sobre o acontecimento e deram grande destaque ao “Olé”. As notícias repercutiram bastante no Rio e a torcida carioca consagrou o “Olé”. Foi assim que surgiu este tipo de gozação popular, tão discutido, mas que representa um sentimento da multidão.

Já tentaram acabar com o “Olé”. Os árbitros de futebol, com sua inequívoca vocação para levar vaias, discutiram o assunto em congresso e resolveram adotar sanções. Mas, como aplicá-las? Expulsando a torcida do estádio? Verificando o ridículo a que estavam expostos, deixam cada dia mais o assunto de lado. É melhor assim. É mais fácil derrubar um governo do que acabar com o “Olé”.

Não poderia ter havido maior justiça a um jogador que a que foi feita pelos mexicanos a mané Garrincha, Garrincha é o próprio “Olé”.

Dentro e fora de campo, jamais vi alguém tão desconcertante, tão driblador. É impossível adivinhar-se o lado onde Mane vai “sair” da enrascada. Foi a coisa mais justa do mundo que Garrincha tivesse sido o inspirador do “Olé”.